



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
CARMEN LUCIA DOS ANJOS FERREIRA

**O FILHO ETERNO, UM OLHAR PATERNO:
O NARCISISMO NA OBRA DE CRISTOVÃO TEZZA**

Palhoça
2012

CARMEN LUCIA DOS ANJOS FERREIRA

**O FILHO ETERNO, UM OLHAR PATERNO:
O NARCISISMO NA OBRA DE CRISTOVÃO TEZZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Maurício Eugenio Maliska, Dr.

Palhoça

2012

CARMEN LUCIA DOS ANJOS FERREIRA

**O FILHO ETERNO, UM OLHAR PATERNO:
O NARCISISMO NA OBRA DE CRISTOVÃO TEZZA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Psicologia da Universidade do Sul de Santa
Catarina – UNISUL como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Palhoça, 18 de junho de 2012

Prof. e orientador Maurício Eugenio Maliska, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Profª Maria Angela Giordani Machado, Msc.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares, Dr.
Universidade de São Paulo

Palhoça

2012

Dedico este trabalho ao Fabio, meu irmão eterno, por ter despertado em mim o interesse em trabalhar esta obra e por ser a pessoa mais generosa que conheço.

AGRADECIMENTOS

A opção por fazer uma segunda faculdade em certo momento da vida traz grandes mudanças não só para quem faz essa escolha, mas também para todas as pessoas de seu convívio.

Assim, quero agradecer aos amigos e familiares que compreenderam, apoiaram e respeitaram essa minha escolha e dizer que, para a próxima, será bem mais fácil para todos nós...

Agradeço aos professores que fizeram parte desta jornada. Alguns deixaram marcas importantes: Maria Angela e Jacqueline, o que seriam as aulas de psicanálise e as orientações nos estágios sem vocês? Obrigada pela oportunidade, pela competência e pelo bom humor; Alessandra Scherer obrigada pelas excelentes orientações e convívio no Hospital de Caridade; Zuleica, a cada “escolha” feita você será sempre lembrada, obrigada e, ao professor Marciel Cataneo agradeço pelas grandes reflexões e provocações que fizeram toda diferença nesse meu percurso.

Agradeço ao meu orientador, Professor Mauricio Maliska pela confiança depositada, pelos ensinamentos e pela forma serena com que conduziu as orientações deste trabalho fazendo com que eu, algumas vezes, esquecesse as pressões naturais que envolvem um trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a banca examinadora deste trabalho: Professora Maria Angela e Professor Pedro Heliodoro, pela gentileza de terem aceitado o convite e também pelas contribuições apresentadas.

Agradeço a oportunidade do convívio com amigas tão especiais e que marcaram momentos também especiais, cada uma com seu jeito próprio de ser: Karina Wiggers, Manoella Medeiros, Carol, Ana Carolina, Vanessa de Bem e Lisete.

Agradeço as amigas Daniele e Elisa Vianna pelas “delícias” de nossas tardes de orientação de TCC e, ainda, à Elisa quero dizer que foi muito bom tê-la como companheira nesta jornada. Nosso encontro marcado as vésperas da orientação, estará para sempre marcado, também, em meu coração.

Eliana e Juliana Schirmer, Sílvia Helena e Rosângela Silveira, amigas queridas, obrigada pela disposição em me ouvir e pela forma sempre tão compreensiva e amorosa nos períodos em que não pude estar presente.

Destaco a forma criativa e carinhosa da amiga Estela Campiolo, para falar da minha ausência, quando modifica o significado da sigla TCC para “Temos

carência de Carmen”. Desculpa amiga, por minhas ausências em momentos tão importantes.

Ao meu sobrinho e médico querido Ivan Ferreira e Fabio, meu irmão, por terem demonstrado, sempre, um interesse único em saber da minha vida acadêmica, e pelas várias conversas profissionais, o meu carinho especial.

Obrigada ao Lucas, por fazer parte dessa família.

E, finalmente, quero agradecer de forma muito especial a Pompilio, a Gabriela e a Camila. Pompilio, pela companhia, pelo apoio, pela presença constante, pela parceria, pela paciência, pelo amor e pela confiança em mim. Com certeza, isso foi fundamental para que tudo pudesse acontecer. E, me permitam reviver o meu narcisismo nesse “amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil...” quando falo das minhas filhas Gabriela e Camila: a vocês, que viveram nesse período tantas coisas importantes das quais, muitas delas, eu não pude estar presente, obrigada por tudo! Amo demais!

E, um último agradecimento especial vai para o meu analista.

“Nada do que não foi, poderia ter sido”. (Cristovão Tezza)

RESUMO

O objetivo deste estudo é investigar o narcisismo (re)velado no discurso do pai, na obra *O Filho Eterno* de Cristovão Tezza, à luz da psicanálise. A pesquisa se classifica como exploratória com base em seus objetivos e bibliográfica com base nos procedimentos técnicos utilizados. O livro de Tezza é a fonte de informação para captar o narcisismo do pai. Inicialmente, apresenta-se a obra *O Filho Eterno*, que traz a angústia de um pai ao receber a notícia de que seu filho é portador da síndrome de Down. Em seguida, discorre-se acerca de conceitos fundamentais para a adequada compreensão e articulação do tema, tais como o narcisismo, ideal do Eu e Eu ideal, teoria da libido e identificação. Analisa-se e articula-se o nome próprio, o velado e o revelado na obra de Tezza com a teoria psicanalítica freudiana. Conclui-se que a síndrome do filho: revela o narcisismo do pai, que não consegue sustentar seu ideal do Eu na vida, principalmente, a partir do nascimento do filho; revela as faltas e as dificuldades do pai que estão ligadas ao narcisismo e vela o nome do filho a partir de seu nascimento. Por fim, constata-se que a obra analisada comporta ainda outros temas de pesquisa com valiosa contribuição para a psicologia.

Palavras-chave: Narcisismo. O Filho Eterno. Pai. Psicanálise.

LISTA DE SIGLAS

APCA – Associação Paulista dos Críticos de Arte

BDTB – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

BIREME – Biblioteca Regional de Medicina

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SCIELO – Scientific Eletronic Library Online

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA	9
1.2 OBJETIVOS	15
1.2.1 Objetivo geral	15
1.2.2 Objetivos Específicos	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 A HISTÓRIA DO FILHO ETERNO	16
2.2 O NARCISISMO E O FILHO ETERNO	22
2.3 CONCEITOS CORRELATOS	26
2.3.1 “Eu ideal” e “Ideal do eu”	26
2.3.2 Teoria da libido	29
2.3.3 Identificação	33
3 PERCURSO METODOLÓGICO	36
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	40
4.1 O NOME PRÓPRIO	40
4.2 O VELADO E O REVELADO	45
4.3 O TABU	51
4.4 O NARCISISMO	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

Este estudo consiste em investigar, à luz da teoria psicanalítica, a temática do narcisismo presente no discurso do pai na obra *O Filho Eterno* de Cristovão Tezza¹.

A pesquisa faz parte do trabalho de conclusão do curso em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul – e pertence à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II vinculada ao Núcleo Orientado em Psicologia e Saúde.

A escolha por realizá-lo deveu-se, inicialmente, ao contato com a peça teatral² de mesmo nome, que gerou o interesse pela leitura do livro. A partir destes dois fatos, surgiu o desejo de unir esta obra literária à psicanálise, como forma de exercício aos ensinamentos adquiridos ao longo da graduação e ainda pela estreita ligação existente entre literatura e psicanálise.

O estudo será desenvolvido por meio dos seguintes tópicos: Introdução (apresenta: Tema, Problemática e Justificativa, Objetivo geral e Objetivos específicos); Referencial Teórico (aborda três capítulos, a saber: A História do Filho Eterno, O Narcisismo e o Filho Eterno e os Conceitos correlatos); Percurso metodológico (sob forma textual aborda a caracterização da pesquisa, as fontes de informação, os procedimentos de coleta, tratamento e análise de dados, equipamentos e materiais); Análise e discussão; Considerações finais e Referências.

1.1 PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA

A primeira análise de uma obra de literatura feita por Freud (1907 [1906]) foi *Delírios e Sonhos na Gradiva* de Jensen. No entanto, um dos principais autores que Freud estudou e citou em seus trabalhos, foi William Shakespeare. Sobre o narcisismo, Freud aproxima psicanálise e literatura valendo-se da análise das

¹ Cristovão Tezza, escritor, nascido em Lages, SC. Foi professor de língua portuguesa na UFSC e na UFPR. Desiste do magistério e dedica-se exclusivamente à literatura. Em 1988 publica *Trapo* tornando-se conhecido nacionalmente. Publicou vários outros livros e recebeu prêmios importantes. Publica resenhas e textos críticos em revistas e jornais. Em Junho de 2012 está previsto “O espírito da prosa” e no final do mesmo ano, será lançada uma coletânea de suas crônicas.

² A peça *O Filho Eterno*, em 2011, esteve em temporada de quatro meses no RJ com sucesso total de público, retornando em 2012 para esta cidade e intercalando com espetáculos em SP. Recebeu três indicações para o prêmio Shell de teatro tendo vencido na categoria de melhor ator para o desempenho de Charles Fricks.

seguintes obras: Leonardo da Vinci (1910), Caso Schreber (1911c) e em Totem e Tabu (1912-13). Teixeira (apud MARTINS, K, 2010) faz um justo elogio ao lugar da literatura na construção da obra freudiana, e, indo além,

Investiga a clínica, tomando a literatura como forma privilegiada de inscrição e transmissão do saber inconsciente, ou seja, como modalidade de apreensão do conhecimento. Aproxima os enigmas da criação artística e os processos de subjetivação em jogo na literatura e na psicanálise, reconhecendo em ambas a possibilidade de captar a densidade do mundo, permitindo um modo específico de acesso ao real. (p. 676).

Assim, tendo verificado o quão valioso poderá se tornar o estudo através de uma obra literária³ destaca-se que se faz importante uma apresentação da obra, antes de iniciarmos a problemática desta pesquisa.

O Filho Eterno de Cristovão Tezza revela as sensíveis questões que envolvem a narrativa de um pai frente à deficiência de seu filho. Lançado no ano de 2007, o livro se destacou com o prestigiado Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte – APCA – na categoria de melhor obra de ficção do ano. Tornou-se o mais premiado romance do ano de 2008, com os prêmios: Jabuti, Bravo! , São Paulo de Literatura, Faz Diferença 2008 e Portugal-Telecom de Literatura. Em dezembro de 2009, *O Filho Eterno* foi considerado pelo jornal O Globo (RJ) uma das dez melhores obras de ficção da década, no Brasil. O romance também foi publicado na Itália, Portugal, França, Holanda, Espanha, Austrália e Nova Zelândia tendo recebido na França, em 2010, um prêmio da Associação Francesa de Psiquiatria. Em 2012 foi finalista do Prêmio Internacional IMPAC – Dublin de Literatura⁴. (TEZZA, 2011).

O Filho Eterno é um romance de ficção baseado, fortemente, em dados biográficos da vida do autor. Tezza, além de autor, é também uma parte do personagem do *Filho Eterno* e, ambos, possuem muitas coisas em comum: são professores e escritores em busca de reconhecimento, ambos com um filho com síndrome de Down e, ainda, com muitas dúvidas e incertezas a respeito da vida, da paternidade e de si mesmos.

³ *O Filho Eterno* consta na lista de leituras obrigatórias para o vestibular de 2013 da UFRGS. Em 2011 foi utilizado no vestibular da UFSC.

⁴ Segundo entrevista concedida por Cristovão Tezza para a Revista Interview, os direitos do livro *O Filho Eterno* foram vendidos pelo autor e o livro ganhará versão em filme. Tezza relata que o conto Beatriz e a Velha Senhora do seu livro de contos Beatriz (Record, 2011) virou um curta-metragem da Párika Filmes o qual ficou muito satisfeito com o resultado.

Tezza (2011) acrescenta que, após o nascimento deste filho, cogitou escrever sobre o assunto, mas precisava encontrar o “ponto certo” para não incorrer no erro de fazer um relato autobiográfico, pois não era esta sua intenção. Além disso, complementa, precisava de coragem para falar sobre um assunto que, com certeza, foi o mais impactante de sua vida. Porém, prossegue o autor, sentia que havia nele um desejo de falar, não exatamente a respeito da síndrome de Down, mas das relações de pai e filho, das reações a partir da notícia, das expectativas, da vida e sobre ele mesmo. Encontra o “ponto certo” quando decide transformar o personagem em um sujeito, sem nome, da 3ª pessoa do singular. Esse fato lhe deu a coragem necessária para que pudesse se entregar à obra, sem nenhum pudor. Trata-se, então, (MARTINS, A. 2011, p.190) de uma escrita do eu, em que o eu do discurso referencial se projeta no ele, máscara da ficção.

Certo de sua escolha, Tezza (2011), acrescenta: “Já sou um narrador naturalmente impiedoso e, ao me transformar em personagem, pude bater em mim mesmo sem problema”. Assim, preparado para escrever, conta a história que tem início na primavera de 1980 quando, no hospital, durante a espera angustiante que envolve o momento que antecede ao nascimento de um filho, o pai, faz uma série de reflexões a respeito de si e da ideia de um filho. Da mesma forma que não sabe ainda como será este filho, também não sabe ainda quem ele é.

Aos vinte e oito anos, sem uma profissão definida, esse pai – sem nome na narrativa – depende financeiramente de sua esposa, mas sonha poder viver da literatura um dia. Consegue publicar alguns contos, porém ainda insuficientes para projetá-lo como um escritor. Homem muito crítico. Sabia que precisava escrever sobre algo, mas não sabia exatamente sobre o quê. E mesmo não gostando de muita coisa que escrevia, escrevia muito.

Enquanto alternava entre o medo da situação desconhecida e as mudanças que o nascimento de um filho traria para sua vida, experimentava as mais variadas expectativas. Flagrava-se pensando em como daria a feliz notícia aos familiares e amigos descrevendo as características físicas do novo bebê e reproduzindo as boas notícias informadas pela equipe médica.

Sim, há algo de engraçado nesta espera. É um papel que representamos: o pai angustiado, a mãe feliz, a criança chorando, o médico sorridente, o vulto desconhecido que surge do nada e nos dá parabéns [...] (TEZZA, 2007 [2011], p.9).

Em seus pensamentos, apesar de reconhecer a angústia que permeia um parto, conseguia imaginar o filho crescendo, passando por todas as etapas de desenvolvimento e tornando-se muito parecido com ele. Porém, esse filho tão exaltado em sua mente, nasce com síndrome de Down e este fato surpreende este pai que o rejeita fortemente.

No entanto, com toda rejeição diante da situação, ele assume sua responsabilidade com o cuidado da criança, levando-a para médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e pesquisando com interesse a síndrome de Down, para melhor conhecê-la. Em seu discurso, destaca aspectos sociais que envolvem a síndrome como o preconceito, a ilusão de normalidade que as pessoas tentam forjar, os tratamentos e suas características específicas. No percurso da narrativa, o pai vai trazendo, a cada situação vivida com o filho, amostras de suas experiências do passado como: sua militância política na juventude, as festas, o primeiro amor, a vida no exterior, lembranças de projetos não concluídos, seus escritos e os livros rejeitados pelas editoras. Traz ainda algumas descrições de si mesmo. Por um lado, define-se como sendo extremamente orgulhoso, teimoso e solitário, e por outro, uma pessoa que se assume como dependente financeiramente de sua mulher e consciente de sua própria insegurança.

E foi nesse cenário psicológico descrito pelo autor, que este filho se inseriu. Um filho que faz a diferença e provoca mudanças substanciais nesse pai, levando-o a perceber, em seu processo de amadurecimento, que não era o filho o problema, e sim ele. Aceitar a diferença do filho demarca o ponto crucial do movimento da mudança subjetiva do pai.

Além disso, os pais criam diversas expectativas, projetando no bebê que vai nascer seus desejos não realizados, como se o filho viesse ao mundo para realizar o que os pais não fizeram, ou não se tornaram. Nesse sentido, Freud se refere ao amor dos pais pelos filhos como narcísico: “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é se não o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente, revela sua natureza anterior”. (FREUD, 1914, p.108).

A obra *O Filho Eterno* traz o discurso de um pai que teve um filho Down. O que existe de narcisismo no discurso desse pai que não encontra esse filho e por isso o chama de "filho invisível" (TEZZA, 2011, p. 131) ou ainda, o vê como um “filho

errado" (TEZZA, 2011, p. 38) ou "uma coisa esquisita" (TEZZA, 2011, p. 37)? Que tipo de desconforto (não aceitação) este fato causou no pai? Seria possível pensar que uma ferida narcísica é aberta quando a realidade não corresponde ao que você imaginou, sonhou?

Assim, levantou-se a hipótese de que a fala desse pai estaria apontando para uma possível ferida no narcisismo deste, em razão do seu não reconhecimento na imagem do filho.

Para responder essas indagações, apresenta-se o problema desta pesquisa: Como se revela o narcisismo do pai na obra *O Filho Eterno* de Cristovão Tezza? Usar-se-á a teoria psicanalítica abordando o conceito de Narcisismo descrito por Freud assim como, suas possíveis e necessárias articulações com conceitos afins como: narcisismo primário e secundário, libido, identificação, eu ideal e ideal do eu. Dessa forma, considera-se que, a partir do discurso do pai, na obra *O Filho Eterno*, várias hipóteses interpretativas poderão emergir contribuindo para responder a este problema revelando assim, a partir da articulação feita com a teoria psicanalítica freudiana, o narcisismo presente neste.

A escolha por analisar o conceito de Narcisismo na obra de Tezza, à luz da teoria psicanalítica, apoia-se não somente na importância deste conceito para a psicanálise, mas ainda por acreditar que *O Filho Eterno* será passível de grandes articulações com a psicanálise, pelo fato de possuir um estimado valor literário e um grande conteúdo psicológico.

Em pesquisas realizadas encontrou-se uma dissertação de mestrado de Caibar Júnior (2010)⁵ sob o título: O conceito de exotopia em Bakhtin: uma análise de O filho eterno, de Cristovão Tezza. Algumas resenhas críticas sobre a obra de Tezza também foram encontradas, no entanto, reafirma-se a importância de pesquisar este tema aqui proposto, com a constatação de que não existe, até o presente momento, nenhuma pesquisa que aborde o narcisismo na obra *O Filho Eterno*.

Estas pesquisas foram realizadas nas seguintes bases de dados disponíveis: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTB), Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), Coordenação de

⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Programa de Pós- Graduação em Letras:** estudos literários. 2010. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24251/caibar%20dissertacao%20final.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 maio 2012.

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Google e Google Acadêmico. Foram pesquisadas ainda, teses online da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) onde, apenas sobre a temática do narcisismo foram encontrados trabalhos⁶.

É possível se pensar, ainda, na contribuição que estudos desta natureza podem trazer para pais que vivem situações semelhantes. O que pode existir em comum entre a fala do pai do livro e outros pais? A literatura pode ser grande aliada. Para FREUD (1907 [1908], p.151), “o adulto envergonha-se de suas fantasias [fantasmas], escondendo-as de outras pessoas”. Nesse sentido, muitos pais leitores da obra de Tezza, poderão se identificar com a fala do autor, pois: [...] “muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores [leitores] na representação da obra de um escritor”. (FREUD, 1908 [1907], p.150).

Dessa forma, talvez, o fantasma da dúvida, do medo, do receio, muitas vezes não consciente, possa, enfim, ser esclarecedor para muitos pais que se encontram sem voz neste momento. Segundo Freud,

[...] a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma liberação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha. Isso nos leva ao limiar de novas e complexas investigações [...] (FREUD, 1908 [1907], p.158).

Assim, este estudo reconhece que a carência de pesquisas com enfoque no narcisismo paterno torna este trabalho único na articulação com a obra de Tezza, até o presente momento, e deseja, a partir dele, possibilitar uma discussão e reflexão, com base na teoria psicanalítica, que possam ser úteis a novas pesquisas neste campo. Reconhece também que, por meio da literatura, o futuro profissional

⁶ Endereços eletrônicos para consultas as bases de dados pesquisadas:

Scielo: <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>

BDTB: <http://bdtd.ibict.br/>

Bireme: http://pesquisa.bvsalud.org/regional/?q=%22narcisismo%20paterno%22%20%22filho%20eterno%22&where=ALL&index=&lang=pt&_charset_=iso-8859-1

Capes: <http://www.periódicos.capes.gov.br>

Google: WWW.google.com.br

academico:

[http://scholar.google.com.br/scholar?q=%22narcisismo+paterno%22++%22filho+eterno%22&hl=pt-](http://scholar.google.com.br/scholar?q=%22narcisismo+paterno%22++%22filho+eterno%22&hl=pt-BR&btnG=Pesquisar&lr=lang_pt)

[BR&btnG=Pesquisar&lr=lang_pt](http://scholar.google.com.br/scholar?q=%22narcisismo+paterno%22++%22filho+eterno%22&hl=pt-BR&btnG=Pesquisar&lr=lang_pt)

Unisul: <http://www.unisul.br>

UFSC: <http://www.ufsc.br>

poderá melhor capacitar e ampliar sua prática. Pretende-se, finalmente, utilizar a obra de Tezza, extraindo dela particularidades que possam ser úteis para contribuir com a psicologia e com o trabalho do psicólogo.

Os argumentos que se destacam aqui, para justificar a importância do discurso do pai neste trabalho de pesquisa, compõem-lhe a relevância científica e social. E, objetivando responder ao problema de pesquisa aqui exposto, estabeleceram-se os seguintes objetivos abaixo descritos.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Investigar como se revela o narcisismo do pai na obra *O Filho Eterno* de Cristovão Tezza à luz da psicanálise.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Conceituar o narcisismo fundamentado na teoria psicanalítica;
- b) Identificar na obra *O Filho Eterno* aspectos (re)velados do narcisismo do pai.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Serão apresentadas neste capítulo, a história do *Filho Eterno* e as considerações teóricas a respeito do conceito de narcisismo, no sentido de viabilizar a análise e articulação entre eles. Estas considerações serão fundamentadas nos textos de Freud, notadamente no artigo “Sobre o Narcisismo: uma introdução” (1914).

2.1 A HISTÓRIA DO FILHO ETERNO

Visto que algumas características gerais do pai e da obra foram descritas na problemática e justificativa deste estudo apresenta-se, a seguir, um resumo da trajetória do pai e do filho na obra *O Filho Eterno*, a partir do nascimento deste.

O livro traz a história da intensa relação de um pai (sem nome), que tem um filho (Felipe) com síndrome de Down. Na narrativa, basicamente, só aparecem estes dois personagens. A mulher (também sem nome), mãe de Felipe, poucas vezes é citada, assim como a outra filha do casal, que nasce saudável quando Felipe estava com quase dois anos de idade. Logo, a história é do pai e do filho.

Esse pai, um escritor que ainda não alcançou a projeção desejada como tal, é um homem que vê a solidão não como uma tristeza, mas como um projeto e percebe com angústia que talvez, após o nascimento do filho, nunca mais consiga estar só. Ele ainda não sabe como será sua nova vida, mas procura antecipar e organizar em seus pensamentos alguma rotina para que a mudança não seja tão radical e ele não perca assim seu espaço.

Até o exato momento em que teve que se dirigir ao hospital ainda não havia se dado conta de que teria um filho, “[...] viu-se diante da mulher grávida quase como que só agora entendesse a extensão do fato: um filho.” (TEZZA, 2011, p. 9). Porém, horas antes do nascimento, sozinho na sala de espera – não assistiu ao parto – quase que pensando em voz alta, refletia sobre as expectativas destinadas ao filho e diz: “O filho será a prova definitiva das minhas qualidades [...]” (TEZZA, 2011, p. 14). E tudo parecia estar indo bem, apesar dessas oscilações entre as certezas e incertezas deste novo momento. O nome do filho também estava escolhido: Felipe. Segundo Vanier (2005, p. 45) “[...] desde antes de seu

nascimento, o sujeito é “falado”, [...]”. Alguns significantes se ligam e ajudam a constituir a história a respeito da criança e, um desses significantes é a escolha do nome próprio. Assim, “O sujeito, antes de falar, é falado” (VANIER, 2005, p. 45).

‘No entanto, “A manhã mais brutal da vida dele começou [...]” (TEZZA, 2011, p. 23), com a chegada dos médicos ao quarto trazendo o bebê, e a notícia de que esse era portador da Síndrome de Down. Assim:

Em um átimo de segundo, em meio à maior vertigem de sua existência, a rigor a única que ele não teve tempo (e durante a vida inteira não terá) de domesticar numa representação literária, aprendeu a intensidade da expressão “para sempre” – a idéia de que algumas coisas são de fato irremediáveis, e o sentimento absoluto, mas óbvio, de que o tempo não tem retorno, algo que ele sempre se recusava a aceitar (TEZZA, 2011, p. 26).

O pai que, minutos antes destaca que “O filho é como um atestado de autenticidade [...]” (TEZZA, 2011, p. 24) é surpreendido com esta notícia e rejeita a ideia deste filho. O rompimento nesse encontro com o filho idealizado traz ao pai a surpresa de um filho real, afetando o ideal do Eu do pai, frustrando, assim, todas as suas expectativas. E isso lhe provoca os mais diversos sentimentos e reações como raiva, medo, negação, vergonha, fracasso, vazio e desejo de morte do filho como possíveis defesas.

Recusa. Recusar: ele não olha para a cama, não olha para o filho, não olha para a mãe, não olha para os parentes, nem para os médicos – sente uma vergonha medonha de seu filho e prevê a vertigem do inferno em cada minuto subsequente de sua vida. Ninguém está preparado para um primeiro filho, ele tenta pensar, defensivo, ainda mais um filho assim, algo que ele simplesmente não consegue transformar em filho. (TEZZA, 2011, p. 27).

Não conseguia ficar totalmente contra sua mulher por algum tipo de controle que nem ele sabia reconhecer, mas admitia (TEZZA, 2011, p. 27) “que esse talvez fosse o primeiro desejo e o primeiro álibi”. Todavia, a raiva e a rejeição a ela direcionadas estavam presentes. A mulher admite para o marido, uma culpa pela síndrome do filho. Ele, apenas ouve e se cala. Sente-se aliviado por lembrar que leu certa vez, que a idade da mulher e a hereditariedade são as responsáveis pela causa do mongolismo, eliminando qualquer possibilidade de responsabilidade que lhe coubesse, assim como, qualquer sentimento de culpa.

Ao mesmo tempo em que pensava em soluções mágicas defensivas, o encontro com o real o levava a buscar uma maior compreensão da síndrome com

alternativas que pudessem ajudar. Ainda que muitas vezes o que ele buscava de fato era poder ouvir dos médicos que o diagnóstico inicial não passava de um grande engano e que seu filho não era um diferente. Para isso, busca opinião de outros médicos em outras cidades, mas, não produzindo o efeito desejado, acaba assumindo e se envolvendo com os tratamentos. Fazia críticas severas a algumas posturas da equipe de saúde e a certos tipos de tratamentos, afirmando que não deveriam ser usado nem mesmo em crianças “normais”. Com isso, demonstrava sempre empenho em defender o que fosse mais coerente, mais inteligente e mais adequado para o filho.

O nome escolhido, Felipe, antes tão bonito e tão forte, também afeta o pai e desaparece por um bom tempo, afinal, ele não fora escolhido para essa criança. Em Tezza (2011), o pai, em diversas situações, não conseguia chamar o filho pelo nome referindo-se a ele como: “a coisa” (p. 29), “um ser insignificante” (p. 29), “pacote” (p. 62), “filho incompleto” (p. 123), “acaso” (p. 70), “meu pequeno leproso” (p.70), entre outros substitutos que serão revelados ao longo desse trabalho. Flagrava-se fantasiando sua liberdade, como uma espécie de retorno ao começo, quando sonha com familiares e amigos o confortando pela morte do filho e ele aliviado fazendo o papel de sofrido. No entanto,

O desejo estúpido de morte não o deixa – há um esforço de derrotá-lo (primeiro a miragem de um engano genético, que faria desse nascimento só um pequeno trote do destino), depois a vergonha do próprio sentimento, a estupidez de sua frieza oculta – ele não consegue ocultá-lo; em lapsos, esse desejo volta irresistível, e é como um sonho. (TEZZA, 2011, p. 49).

Preocupava-se muito com o que as pessoas diriam sobre seu filho, sobre sua aparência física. “Dizia que os bebês, mesmo o dele, são todos parecidos. Por um bom tempo, até que a criança cresça, ele divaga, eles poderão passear com o filho sem ter de dar nenhuma explicação adicional.” (TEZZA, 2011, p. 50). Quando, pela primeira vez, fotografou o menino, escolheu um ângulo em que, na sua visão, as pessoas não conseguiriam perceber que ele era diferente, justificando essa atitude com o fato de que todas as pessoas sempre buscam seu melhor ângulo para sair bem nas fotos e que ninguém gosta de sair feio. Mas, Felipe não parecia se importar com nada disso, ele estava sempre bem e feliz.

Sentia vergonha por ter que caminhar publicamente com o filho e se imaginava tendo que dar as diversas explicações para as pessoas na rua. Essa

vergonha do olhar do outro sobre o filho, talvez sobre ele mesmo, foi muito marcante após a notícia e perdurou durante alguns anos. Segundo ele,

[...] são crianças feias, baixinhas, próximas do nanismo – pequenos ogros de boca aberta, língua muito grande, pescoços achatados e largos como troncos. Em poucos minutos – ele não pensou nisso, mas era o que estava acontecendo – aquela criança horrível já ocupava todos os poros de sua vida. (TEZZA, 2011, p. 30).

A vergonha, manifestando-se com frequência, indaga: “como convencer os outros de que aquele pequeno monstro seria, de fato, uma criança normal?” (TEZZA, 2011, p. 41), e, na tentativa de não ser revelado acrescenta que “[...] não será derrotado pela vergonha de seu filho, ainda que tenha de fazer uma ginástica mental a cada vez que se fale dele em público” (TEZZA, 2011, p. 54). E parece exercitar isso, pois, quando sai com os amigos para beber cerveja e conversar, evita trazer qualquer assunto sobre seu filho, mas, “quando os amigos perguntam, ele responde com um ‘tudo bem’ e um sorriso desarmante, ao qual se segue uma contra pergunta que mudará o rumo da conversa.” (TEZZA, 2011, p. 65). Este lugar impessoal Harari (2001, p.55) denomina como “o da cultura – esse lugar do significativo, advindo do Outro”, lugar este que o leva a substituir o nome do filho por “o intruso” (TEZZA, 2011, p. 59).

Enquanto isso, Felipe crescia e se desenvolvia normalmente dentro de suas possibilidades. O pai, oscilando agora entre a rejeição e a aceitação, talvez mais para essa última, ainda não sabia, mas estava totalmente empenhado no filho. Sempre trazendo suas histórias de vida pregressa para relacioná-las ao momento atual, o pai caminha em direção aos seus projetos, mas sempre se sentindo inseguro e incapaz, com dificuldades para estar e viver (no) o presente.

Caminha também, em direção aos possíveis projetos do filho, como a entrada dele na creche pela primeira vez e a primeira mudança de escola – a justificativa dada pela escola para não ficar mais com Felipe, deixa o pai muito revoltado. Porém, mesmo se posicionando fortemente frente à escola, vê-se sem escolhas e providencia a mudança, sentindo o preconceito que provavelmente enfrentaria por toda vida com o seu “pequeno problema” (TEZZA, 2011, p. 60).

O pai, pela primeira vez, reconhece a importância deste filho – a qual ele ainda não havia admitido – quando o filho sai de casa e fica desaparecido por um longo tempo. O pai não sabe inicialmente como procurá-lo na rua, junto às pessoas,

pois encontra muitas dificuldades em fazer à descrição física de Felipe, afinal não consegue enxergar o sujeito existente ali, apenas uma síndrome. No entanto, depois de horas angustiantes, Felipe aparece e assim o pai tem a certeza de que este filho era muito importante e que fazia sim parte de sua vida.

Começa então a perceber que ele tem mais problemas a resolver que o filho, e que na verdade ele é o problema e não o filho, pois este, assim como uma obra literária, segue sua vida em cima de um bom roteiro, já o pai, transita do prefácio ou epílogo, demonstrando dificuldades de viver e estar no capítulo do momento. Ele estava se transformando, mas ainda não reconhecia essa ideia que logo se tornaria evidente:

Ele ainda imagina que continua a mesma pessoa, dia após dia; é como se arrastasse consigo o fantasma de si mesmo, cada vez mais pesado, mês a mês. Melhor largá-lo para trás, largar-se para trás, descolar-se como num truque de cinema e, levíssimo, recomeçar. Mas o que fazer com o filho nessa transformação libertadora? Ele pesa muito; é preciso arrastá-lo. Ou, pelo menos, saber afinal quem é o intruso. (TEZZA, 2011, p. 59).

Os tratamentos avançam. O pai compra uma flauta doce para estimular o filho e é possível perceber manifestações de afeto. “É preciso compensar a falta da natureza; consertar o defeito de origem” (TEZZA, 2011, p. 83), explica o pai. Exercícios diários são repetidos várias vezes ao dia incansavelmente, e o pai reconhece que não é fácil para a criança. Segundo o pai (TEZZA, 2011, p. 82), “Uma crueldade medida, parece. Mas não, a criança não reclama”. E o pai, esta atento, cada vez mais, porém destaca que é um eterno observador de si mesmo e dos outros. “Alguém que vê não alguém que vive”. (TEZZA, 2011, p. 85). Essa crítica de si mesmo destaca-se como um dos pontos que faz com que o pai se aproxime cada vez mais do filho, pois, diferentemente dele, o filho vive intensamente o presente e não possui nenhuma amarração ao passado ou projeções no futuro. Isso encanta o pai, pois o filho é seguro e feliz, ao contrário dele.

A cada exercício uma pequena conquista, que significa muito, e agora o pai percebe isso. Pela primeira vez, o menino reconhece um boneco somente pelo pé e ainda se lançou no chão para tirar um lenço que cobria a figura. O pai sorri satisfeito lembrando-se dos exercícios de Piaget. Mas continua tendo seus momentos de altos e baixos, porque tudo é uma pequena e grande conquista diária. Pensa o quanto pode ser interessante para ele, pai, se apoiar no filho para continuar

paralisado na vida e em alguns projetos. Pensa ainda, se não estaria fazendo do filho sua desculpa num movimento constante de perceber, cada vez mais, que ele é o problema a ser resolvido.

Reconhece que durante alguns anos, mesmo depois de ser um escritor conhecido, evita falar sobre o filho não mais pela negação ou por fuga, mas, como ele mesmo define (2011, p. 103), pela “brutalidade da timidez, que exige explicações que, inexoráveis, se desdobram até o fundo de um fracasso.” Reconhece que o filho é muito melhor do que ele na natação, pois ele (2011, p. 106) é um descoordenado e uma vergonha na piscina – antes, o pai já havia se referido, muitas vezes, ao filho destas duas formas e, agora é ele o descoordenado e a própria vergonha.

Sente-se cansado com todos estes esforços para as aulas de estimulação para o filho. Acredita estar no limiar de uma depressão e não compreende esse seu estado acrescentando que “[...] ele se recusa a aceitar, procurando uma saída, sobre a falta de saída, sobre a derrota, justamente agora, quando ele tem uma filha normal, belíssima, **e o filho não se intimida diante do mundo** [...]” (TEZZA, 2011, p. 107, grifo nosso).

A vida real vai puxando este pai com força para o chão e o coloca a prova. Sente necessidade de se livrar de seus próprios fantasmas, suas inseguranças, seus medos e viver a vida, quem sabe, como seu filho vive. A relação entre ele e o filho começa a se intensificar a partir do futebol. Felipe adora o esporte e ambos torcem pelo mesmo time. Isso traz uma grande aproximação entre os dois.

O filho, tal como o pai, vira um artista. Pinta quadros e fica feliz com o dinheiro que recebe quando consegue fazer uma venda. Viaja pelas páginas intermináveis do Google, mesmo sem saber ler ou escrever corretamente. Cria pastas novas no computador e as nomeia por Felipe ou Atlético, trocando muitas vezes as letras desses nomes – fato que, para ele, não tem a menor importância. Em seus desenhos todos os personagens são sempre muito felizes. O futebol serviu para o amadurecimento de Felipe. Com o tempo foi aprendendo, no convívio social, que as pessoas não mudam de time de acordo com o resultado da partida e assim Felipe passou a se sentir um verdadeiro torcedor do Atlético, como seu pai, independente da vitória ou derrota do time. No entanto, parece que o pai, assim como o filho, também aprende, que “as pessoas (nem sempre) mudam de time de acordo com o resultado da partida”.

Hoje, pai e filho discutem, torcem, riem e sofrem juntos quando o assunto é futebol. Seria este processo análogo ao amadurecimento vivenciado pelo pai a partir da revelação da síndrome do filho? A rejeição inicial sugere um comportamento semelhante ao de mudança de time, pois no momento em que uma frustração se faz presente, o desejo é de substituição por outra mais prazerosa que corresponda aos seus ideais de vitória. A incapacidade de reverter um resultado manifestou-se também, por diversas vezes, no desejo de morte do filho sentido pelo pai.

Dessa forma, o pai descola o filho da síndrome de Down, permitindo o surgimento do sujeito Felipe e cola o nome Felipe ao filho. Reconhecer a singularidade de Felipe permite ao pai, descobrir e valorizar os talentos do filho como o afetivo e sua inteligência em perceber os gestos sociais. Fato que, segundo o pai, o difere consideravelmente de outras pessoas.

Assim, para o pai, o filho passa da condição de não-filho para a condição de filho e o pai passa, talvez, da condição do próprio “filho eterno” para a condição de pai de Felipe.

2.2 O NARCISISMO E O FILHO ETERNO

“Quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto, Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto. É que Narciso acha feio o que não é espelho”. (Caetano Veloso).

A lenda de Narciso é uma das mais comentadas da antiguidade. Freud, a partir dela, nomeia um dos trabalhos mais importantes por ele desenvolvido, o Narcisismo – que “pode ser considerado como um dos fatores centrais na evolução dos seus conceitos”. (FREUD, 1914, p. 86).

Segundo Bulfinch (2001), em O Livro de Ouro da Mitologia, o mito conta a história de Narciso, um belo jovem que despertava muitos amores por causa de sua beleza entre as ninfas – divindades fabulosas que frequentavam os rios, bosques e montes. Uma delas, chamada Eco, foi desprezada e humilhada pelo rapaz e morreu por este amor não correspondido. Além de Eco, ele ainda despreza várias ninfas que por ele se apaixonam. Uma delas implorou aos deuses um castigo para o rapaz: que ele viesse algum dia saber o que é o amor e o que significava não ser

correspondido. A deusa da vingança atendeu ao pedido. E assim, Narciso, ao se aproximar de uma fonte de águas muito claras e ao debruçar-se, vê a própria imagem refletida na fonte e, de tão fascinado com o que vê, pensa que talvez fosse um belo espírito das águas que ali vivesse. Impressionado,

Ficou olhando com admiração para os olhos brilhantes, para os cabelos anelados como os de Baco ou de Apolo, o rosto oval, o pescoço de marfim, os lábios entreabertos e o aspecto saudável animado do conjunto. **Apaixonou-se por si mesmo.** Baixou os lábios, para dar um beijo e mergulhou os braços na água para abraçar a bela imagem. (BULFINCH, 2001, p. 124-125, grifo nosso).

O rapaz, apaixonado pelo seu reflexo, não percebe o equívoco na escolha por seu objeto de amor. E assim, permaneceu, contemplando a própria imagem, e indagando porque este belo ser o desprezava. Afirmava que o seu rosto, não poderia lhe causar nenhuma repugnância. “As ninfas me amam e tu mesmo não pareces olhar-me com indiferença”. (BULFINCH, 2001, p. 125).

Vê sua imagem partir quando suas lágrimas caem na água e se desespera pedindo para que ela não o deixe. Com essas palavras e tantas outras, sua chama vai se consumindo⁷. Lentamente ele vai perdendo as cores, o vigor, a beleza e morre. Seu corpo desaparece e, em seu lugar, é encontrada uma flor roxa, rodeada de folhas brancas que tem o nome e conserva a memória de Narciso.

A referência ao mito de Narciso, “que evoca o amor dirigido à própria imagem” (NASIO, 1997, p. 47), traz ao termo a importância que lhe cabe dentro da teoria psicanalítica. Segundo Freud (1914, p. 93) o termo narcisismo surge como uma fase intermediária necessária entre o auto-erotismo e o amor objetal, e foi usado, por Freud, pela primeira vez em 1909 na reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena.

No entanto, foi em 1910, que Freud trouxe pela primeira vez⁸ para a história da psicanálise o conceito de narcisismo apresentado no texto “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”. Freud faz uma análise biográfica detalhada a respeito do lado artístico e criador de Leonardo e dos aspectos da vida psicosexual dele. Freud retoma o conceito de narcisismo no caso Schereber

⁷ Alguns autores apontam para a morte de Narciso, por afogamento.

⁸ Nota do Editor Inglês James Strachey. In **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p.58

(1911c) e em Totem e Tabu (1912-13) quando “compara o narcisismo à fase animista da história da humanidade”. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 18). Porém, é no artigo Sobre o narcisismo: uma introdução de 1914, que Freud apresenta o conceito de forma mais ampla.

A obra de Freud traz a compreensão de que o narcisismo ocupa um lugar específico entre o eu e os objetos externos, apontando para as diferenças localizadas entre a libido do eu e a libido objetal como “uma extensão de sua teoria da libido”. (COTTRELL, 2008, p. 13). O texto sobre o Narcisismo “é balizador do percurso teórico freudiano” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 15), ou seja, ele determina a grandeza dentro deste percurso.

O narcisismo, segundo Freud (1914), refere-se à pessoa que trata o próprio corpo como objeto sexual, “[...] que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades”. (FREUD, 1914, p. 89). Apesar de trazer do mito de Narciso a base inspiradora para sua teoria, Freud usa o tema com algumas diferenças e especificidades para articulá-lo com alguns estudos já existentes da psicanálise como as parafrenias, neurastenias⁹ e a teoria da sexualidade.

A compreensão do termo auto-erotismo, citado acima, e que aparece na reunião de Viena, encontra-se no texto Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, que o autor escreve em 1905 e sua compreensão é importante para que se chegue ao Narcisismo. Freud (1905), alguns anos antes da publicação deste texto, já havia despertado para as questões que envolviam a sexualidade e ela é considerada fator importante para a constituição das neuroses. Para Freud,

[...] estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que **algo seja adicionado ao auto-erotismo** - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo. (FREUD, 1914. p. 93, grifo nosso).

A afirmação contida nas primeiras páginas do texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” é indiscutível: “[...] o eu não está presente desde o início, tem que ser acrescentado ao auto-erotismo para o narcisismo se constituir”. Dessa forma, temos em Garcia-Roza (2008), a constatação de que se acrescenta a pulsão auto-

⁹ Parafrenia: nome utilizado por Freud para as psicoses. Neurastenia é um tipo de neurose.

erótica uma ação psíquica – o eu – para dar forma ao narcisismo. Segundo este autor, o auto-erotismo está presente desde o começo da vida do bebê, e neste começo, não existe a fundação de algo que seja comparado ao eu. O que existe é a pulsão sexual satisfazendo-se autoeroticamente no próprio corpo. Portanto o *eu* precisa ser desenvolvido, “para que o termo ‘narcisismo’ faça justiça a sua origem” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 47).

No auto-erotismo falta o “eu”, ou seja, falta a “representação complexa que o indivíduo faz de si mesmo” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 48). Nesse momento, o bebê não se vê separado da mãe – ele e a mãe são um só corpo, indissociável. A mãe é aquela que dá carinho, cuida e alimenta. É a pessoa que libidiniza o bebê. Então, para o bebê surge um *eu* dessa imagem unificada que ele faz de seu próprio corpo. Esse é o eu ideal que corresponde ao narcisismo primário.

Mas, a criança começa a se separar da mãe e começa a se perceber como um corpo independente, outro corpo. Ela começa a investir na mãe esperando um retorno. Encontra-se então, o narcisismo secundário que é o resultado do retorno ao eu do investimento que esse eu faz nos objetos externos para, em seguida, o eu tornar-se objeto novamente. A criança agora investe libido em objetos externos e espera o retorno para ela mesmo. No narcisismo primário, além da mãe investindo no bebê, o próprio bebê investe nele mesmo – na célula narcísica mãe-bebê, porque essa célula representa um só eu.

Dessa forma, desde muito cedo se pode observar nas crianças um investimento libidinal em seu próprio ser, seu próprio corpo e é isso que define o Narcisismo. Inicialmente, Freud estudava os sintomas neuróticos, onde a libido investida no objeto exterior pode ser retirada sendo substituída na fantasia. O neurótico não suspendeu seu vínculo erótico com pessoas e coisas. Nas psicoses isso não ocorre, pois o sujeito não consegue substituir na fantasia o objeto retirado. Nessa situação, o sujeito por abolir a realidade exterior, retira a libido desse mundo e a redireciona ao eu, dando origem ao comportamento narcísico.

Uma questão importante no presente estudo e que está relacionada diretamente ao livro *O Filho Eterno*, diz respeito ao narcisismo dos pais, que ao esperarem pelo nascimento do filho criam muitas expectativas e fantasias. E estas estariam diretamente ligadas ao seu próprio narcisismo, ou seja, haveria uma projeção sobre o filho de suas próprias fantasias. “[...] o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual

ele era o seu próprio ideal [...]”. (FREUD, 1914, p. 111). O narcisismo projetado é hoje o ideal do Eu substituindo o Eu ideal perdido na infância.

Os pais atribuem aos filhos tudo que lhes faltou na vida como se estes pudessem honrá-los, ou vingá-los por aquilo que não tem ou que não foram. Esta é uma característica narcísica comum a todos os pais, antes mesmo de conceberem os filhos. Não conseguindo sustentar o seu eu ideal, ele transporta para o filho essa missão como se este pudesse fazê-lo. O pai deseja que o filho dê continuidade ao seu projeto fracassado, acreditando que com o filho tudo será realizável. Segundo Freud (1914), a atitude emocional dos pais, que supervaloriza este filho, revela o caráter narcísico deste afeto quando, ao filho, atribuem-se todas as perfeições e eliminam-se todas as suas deficiências. Com efeito:

[...] Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. O indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcisista no caso da escolha objetal, domina como todos nós sabemos sua atitude emocional. Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele [...] (FREUD, 1914, pp. 107-108).

Isto posto, pode-se inferir que os pais influenciam na relação pai-filho, assim como os filhos também interferem na vida psíquica dos pais, como ficou demonstrado nas palavras de Freud.

2.3 CONCEITOS CORRELATOS

2.3.1 “Eu ideal” e “Ideal do eu”

As instâncias narcisistas Eu ideal (*Ideal Ich*) e ideal do Eu (*Ich ideal*) foram introduzidas por Freud, em 1914, no capítulo III do artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução” e, esse artigo, é possível que deixe em muitos leitores, a sensação de não haver diferença entre estes termos, como se houvesse apenas uma inversão nas palavras sem consequências na compreensão. Nesse sentido, Garcia-Roza (2008) esclarece que além de não ter havido nenhuma confusão por parte de Freud, acrescenta que a dificuldade de distinção destes dois termos “[...] foi cometida pelos tradutores e pelos comentadores do texto freudiano”. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 51).

A Edição standart brasileira¹⁰, por exemplo, “corrige” o texto original de Freud substituindo ideal do eu (Ich ideal) por eu ideal (Ideal Ich), como se a inversão de termos fosse um descuido do autor. Na mesma linha, leitores apressados consideraram que eu ideal e ideal do eu fossem sinônimos, e a partir desse engano passaram a desconsiderar uma das distinções mais importantes do artigo sobre o narcisismo. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 51).

Raffaelli (2007, p. 2) acrescenta que, até os dias de hoje, as dúvidas sobre essa questão dificultam “aos estudiosos da psicanálise uma compreensão adequada da tópica freudiana”. No entanto, ainda segundo Raffaelli, referente a essas alterações dos escritos originais de Freud, Lacan juntamente com outros colaboradores, apresenta em seu “Seminário 1” algumas análises a respeito destes termos onde busca uma melhor compreensão destes a partir da leitura do texto original em alemão escrito por Freud. Este trabalho contribuiu para eliminar e esclarecer as diferenças entre estes conceitos.

Para chegarmos, primeiramente, ao termo Eu ideal (Ideal Ich) faz-se necessário uma compreensão do conceito de castração em psicanálise, que difere do comumente decepar dos órgãos sexuais masculinos. A castração é uma experiência a qual toda criança vive em torno dos cinco anos de idade e se caracteriza pelo fato de, pela primeira vez, ela reconhecer a diferença anatômica entre os sexos. Este reconhecimento traz à criança forte angústia já que, até aquele momento, ela vivia em condição de total onipotência. E, ao perceber que não pode tudo e que não possui tudo que gostaria, ou seja, a menina não tem um pênis e o menino tem medo de perdê-lo, terá que encontrar saídas defensivas para aceitar as diferenças entre homens e mulheres assim como os limites impostos para cada um destes. Assim, segundo Nasio (1997, p. 13), a castração em psicanálise “designa uma experiência psíquica completa, inconscientemente vivida pela criança” e acrescenta que esta é uma experiência decisiva para a futura identidade sexual dela.

No entanto, esta não é uma experiência que se vive apenas na infância. Ela é vivida a todo o momento, sendo modificada ao longo da vida, quando o sujeito se defronta com a frustração de não poder sustentar seu ideal do Eu na vida. A castração está ligada às perdas, às diferenças, às faltas.

¹⁰ **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 14, p.111.

No complexo de castração os dois grupos de pulsões (libidinal e ego) atuam juntos e “[...] inseparavelmente mesclados, surgem como interesses narcisistas”. (FREUD, 1914, p. 109). Assim, compreende-se que o eu ideal refere-se ao fato do sujeito não querer renunciar a perfeição que o narcisismo infantil trazia. E, ao se ver ameaçado, ou na possibilidade de não conseguir se manter naquela posição narcísica primitiva, procura conservar a perfeição através de um ideal do Eu. Esse Eu ideal o permitirá se entregar aos impulsos, desejos e experiências dando-lhe a mesma satisfação soberana de perfeição do narcisismo infantil. O eu ideal é o narcisismo que se perde na infância onde seu próprio ideal era ele mesmo e revive, anos mais tarde, através de um ideal em si mesmo – o que significa a mesma coisa.

Esse eu ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (self-love) desfrutado na infância pelo eu real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo eu ideal, o qual, como o eu infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. (FREUD, 1914, p. 111)

O Eu ideal é “[...] predominantemente imaginário e marcado pela idealização [...]” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 62) e, segundo este autor (2008, p.46), Freud denomina de eu ideal o “momento de unificação do eu”, momento este que se funde com o narcisismo primário. O eu ideal surge a partir do narcisismo infantil ou primitivo como se revivendo e substituindo esse narcisismo infantil que se perdeu.

A outra instância narcísica ideal do Eu (Ich ideal) na formulação freudiana, é apontada por Násio (2008) como aquela que rege o narcisismo secundário e a identificação do eu com os traços deste. Roza (2008) destaca que Lacan em seu Seminário 1 faz uma análise criteriosa do Narcisismo escrito por Freud e, dessa análise, no capítulo intitulado “Os dois narcisismos” apresenta uma articulação do narcisismo primário e secundário, da identificação narcísica primária e secundária, do Eu ideal e do ideal do Eu. A saber:

Há um primeiro narcisismo que se relaciona à imagem corporal e um segundo narcisismo que implica a relação ao outro. No primeiro caso, há uma identificação à imagem unificada do próprio corpo e dá lugar ao eu ideal; no segundo caso, há uma identificação ao outro e dá lugar ao ideal do Eu. Enquanto o primeiro narcisismo se dá no plano imaginário, o segundo narcisismo é marcado pelo simbólico. (ROZA, 2008, p. 66).

No entanto, Raffaelli (2007) destaca que o termo ideal do Eu (Ich ideal) sofreu ao longo da obra de Freud, algumas alterações e uma delas foi o fato de ter

sido confundido com o próprio supereu. Mas, segundo Raffaelli (2007) em 1933 em Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise este mal entendido se desfaz e o ideal do Eu surge como uma das funções do supereu e não mais como o próprio supereu.

Segundo Freud (1914) o ideal do Eu é formado a partir da influência crítica dos pais (transmitida através da voz) mais a influência das pessoas que o educaram e lhe ensinaram, ou seja, as pessoas de seu convívio assim como, a opinião pública. “Dessa forma, grandes quantidades de libido de natureza essencialmente homossexual são introduzidas na formação do ideal do Eu narcisista, encontrando assim um escoadouro e satisfação em conservá-lo”. (FREUD, 1914, p. 113). Nesse caso, o sujeito ao investir libido nele próprio, o faz numa demonstração de amor a si mesmo.

Ainda em Freud (1914, p. 115), “[...] a finalidade e satisfação em uma escolha objetual narcísica consiste em ser amado.” Esta passagem remete à obra *O Filho Eterno* quando da decisão por escrever um bom roteiro e assim tornar-se reconhecido, ou seja, amado pelo que produziu, trouxe ao pai, através deste ato de sublimação, a validação de sua capacidade que tanto ele desejava. Há de se destacar que o pai permaneceu durante alguns anos com forte sentimento de inferioridade e insegurança em relação às pessoas (sua mulher inclusive) e a sua própria capacidade. Parecia mesmo um bom pretexto para não ser colocado diante de si mesmo. Segundo Freud (1914, p. 116) “as neuroses fazem uso de tais inferioridades como um pretexto, assim como o fazem em relação a qualquer outro fator que se preste a isso”.

Lacan, ao escrever o estágio do espelho teve como objetivo esclarecer a noção de narcisismo desenvolvida por Freud resgatando as instâncias da 2ª tópica (Eu, Isso e Supereu) assim como, introduz os conceitos de Imaginário, Simbólico e Real fazendo uma grande articulação. Segundo Vanier (2005, p. 37) “ele faz do estágio do espelho um momento exemplar, paradigmático, de instauração da relação do homem com sua imagem e com seu semelhante”.

2.3.2 Teoria da libido

A teoria da libido tem papel importante para a psicanálise, pois é no processo de investimento da libido entre o eu e o objeto que se observa as principais características do narcisismo.

Segundo Freud (1914) é possível observar o narcisismo a partir dos seus objetos de escolha. A primeira fonte de escolha objetual de uma criança, Freud (1914, p. 104) “denominou de anaclítica (ou de ligação), referindo-se a mãe ou a qualquer outro substituto dessa que alimente a criança, cuide dela e lhe dê a proteção”. Freud teria chamado esta fase de narcisismo primário. Nasio (1997, p. 49) colocou em relevo a posição dos pais na constituição do narcisismo primário: “o amor dos pais pelo filho equivale a seu narcisismo recém-nascido”.

O investimento libidinal que começa no *infans* – da forma mais primitiva – passa para o eu, quando este se constitui e, deste, num processo quase que concomitante, passa para o objeto. Se o desenvolvimento do sujeito fizer este movimento, pode-se dizer que este é saudável do ponto de vista narcísico. E todo o ser humano tem este nível de narcisismo, pois que ele faz parte do processo de desenvolvimento normal. Caso haja uma fixação, ou excesso de libido no eu ou no objeto, de forma que essa energia libidinal não circule, poderá se caracterizar como um quadro patológico de narcisismo. O movimento de libido do eu para o objeto é comparado por Freud (1914) com o ato de derramar água de um copo para outro. Quanto mais você esvazia de um copo, mais você deposita no outro. Assim, quanto menos libido no eu, mais libido no objeto e vice versa. Por outro lado, temos a fantasia paranóica onde a libido aparentemente, sai do eu, mas permanece nele, depositada na própria fantasia do sujeito – conforme citado anteriormente. Finalizando essa compreensão, FREUD (1914, p. 89-90) acrescenta que:

[...] O narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, como se acreditava anteriormente, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto [pulsão] de autopreservação, que, em certa medida pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva.

Assim, o narcisismo primário, conforme o dicionário enciclopédico de psicanálise, “[...] é o estado original do eu em que este, inteiramente investido pela libido, estava entregue à onipotência absoluta [...]” (KAUFMANN, 1996, p. 349). Nessa condição a criança não consegue distinguir o eu do objeto na relação, levando-a a crer que a libido vinda da mãe origina-se em si mesmo, tamanho é o sentimento de grandeza e onipotência.

O narcisismo secundário, ainda segundo Kaufmann (1996, p. 349) “designa este mesmo estado novamente instaurado pelo retorno ao eu dos investimentos de objeto”. Ou seja, acontecendo à relação eu-objeto, ocorre à relação objetual verdadeira. Ocorre aqui a “catexia objetual” onde o eu será o depósito da libido e passará a investir no objeto do desejo. Este ciclo entre o eu-objeto-eu onde o retorno da libido percorre, deixa o sujeito, em condições de se sustentar diante das adversidades e frustrações encontradas na vida. Garcia-Roza ratifica que, no narcisismo secundário “A libido que, anteriormente investia o eu, passa a investir objetos externos e, posteriormente, volta a tomar o eu como objeto”. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 49).

Uma vez que o livro de Cristovão Tezza convoca a reflexão sobre os vários aspectos do discurso de um pai, poderia dizer que esse pai libidinizou o seu próprio sofrimento, sua própria dor, em relação à (não) aceitação de ter “produzido” um filho com síndrome de Down? Se essa libidinização foi investida no eu, retornaria ela para o exterior em algum momento? Por onde passaria o amor desse pai por esse filho? No que o conceito de narcisismo poderia auxiliar essa análise?

Nesse contexto, o Dr. Leclair contribuiu para o seminário de Lacan (1986, p. 152) situando o texto de Freud no que se refere à fundamentação da libido e seu investimento em um sofrimento:

[...] ao longo de uma doença, de um sofrimento, o doente retira seu investimento libidinal para seu eu, para liberá-lo de novo após a cura. [...] Durante a fase em que retira o seu investimento libidinal dos objetos, a libido e o interesse do eu ficam de novo confundidos, têm de novo o mesmo destino, e tornam-se impossíveis de distinguir.

O pai relatado no livro em estudo mostrou, desde seu início, a dor trazida por ter recebido a notícia de que seu primeiro filho era um portador da Síndrome de Down, sendo que a partir desse momento ele descreve diversos pensamentos de intenso sofrimento, como na passagem:

Ele recusava-se a ir adiante à linha do tempo; lutava por permanecer no segundo anterior à revelação, como um boi cabeceando no espaço estreito da fila do matadouro; recusava-se mesmo a olhar para a cama, onde todos se concentravam num silêncio bruto, o pasmo de uma maldição inesperada. Isso é pior do que qualquer outra coisa, ele concluiu –nem a morte teria esse poder de me destruir. (TEZZA, 2007, p. 26)

Poder-se-ia inferir, no caso deste estudo, observar essa dinâmica da libido: no momento de dor, de frustração, a libido fica retida no eu, removendo-a do exterior. Sob essa perspectiva, vale destacar que Freud assinala que o narcisismo é um processo pelo qual todas as pessoas passam porque faz parte da dinâmica psíquica. O narcisismo é também constituinte do sujeito, estruturante e importante para sua autopreservação. Isso nos permite pensar este conceito fora do campo das patologias – o que para nossa análise final neste estudo será enriquecedor.

Conforme a contribuição de Dr. Leclair (LACAN, 1986, p. 155), Freud ao detalhar a forma da escolha objetual, do tipo amoroso do homem e da mulher, constatou que:

[...]as primeiras satisfações sexuais auto-eróticas tem uma função na conservação de si. Em seguida, constata que as pulsões sexuais se aplicam inicialmente à satisfação da pulsão do eu, e só se tornam autônomas mais tarde. Assim, a criança ama inicialmente o objeto que satisfaz suas pulsões do eu, isto é, a pessoa que se ocupa dela. Enfim, chega a definir o tipo narcísico da escolha objetual, sobretudo claro, diz ele, naqueles cujo desenvolvimento foi perturbado.

O investimento libidinal depende de como será escolhido o objeto. Assim, cada sujeito vai amar conforme o tipo narcísico ou o tipo anaclítico. Nas palavras de Freud (1914-1916, p. 97), a saber:

- (1) Em conformidade com o tipo narcísista:
 - (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma),
 - (b) o que ela própria foi.
 - (c) o que ela própria gostaria de ser,
 - (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma
- (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):
 - (a) a mulher que a alimenta,
 - (b) o homem que a protege.

Pode-se deduzir desses tipos, que o funcionamento psíquico do sujeito, ao fazer a escolha pelo seu objeto de amor, poderá transitar por mais de um tipo deste escrito. Assim tal articulação deve ser considerada de forma aberta. Conforme Freud (1914-1916, p. 95) menciona, quando presume

(...) que ambos os tipos de escolha objetual estão abertos a cada indivíduo, embora ele possa mostrar preferência por um ou por outro. Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetual.

Portanto, ao buscar em Freud (1914-1916, p. 95) a fundamentação sobre o amor objetal masculino percebe-se que está mais próximo do tipo de ligação, ou seja, a quem o alimenta e quem o protege. Contudo, no caso do livro *O Filho Eterno*, a partir do amor objetal do pai, pode-se inferir que esse homem manifestava a esperança de ter um filho perfeito, no qual ele poderia projetar no “futuro filho” alguém que ele não foi, mas gostaria de ter sido. Essa posição estaria mais próxima do amor objetal do tipo narcísico. Portanto, fica posto que tanto homem como mulher possa ter esse amor objetal aberto, comportando mais de um tipo de escolha de objeto, ou até uma mistura dessa escolha. Vai depender de cada um, bem como da sua história individual.

A escolha objetal vai indicar também o ideal sexual. Assim, um sujeito irá amar uma pessoa de acordo com o tipo narcísico, ou seja, conforme Freud (1914 – 1916 p. 107), ele vai buscar o “que falta ao eu para torná-lo ideal e amado”, por isso amar tem como objetivo ser amado, pois esse seria o eu ideal.

2.3.3 Identificação

Assim como o narcisismo, outro conceito importante, e que ocorre concomitantemente a este, é a Identificação. Reconhecida pela psicanálise como a forma mais antiga e original de se estabelecer um laço emocional com outra pessoa, “ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo” (FREUD, 1921, p. 133) e ajuda a preparar os caminhos deste através do conflito em que a criança terá que resolver. A criança se relaciona, distintamente, com a mãe e com o pai. Com este, identifica-se querendo ser como ele em tudo, gostando de fazer as coisas juntos e, demonstrando, conforme Freud (1921) que seu pai é o ideal. Ao mesmo tempo, com a mãe, é destinada uma “catexia de objeto sexual e direta [...]”. (FREUD, 1921, p. 133). No entanto, apesar de, por um tempo, viverem de forma harmoniosa,

Em conseqüência do avanço irresistível no sentido de uma unificação da vida mental, eles acabam por reunir-se e o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência. O menino nota que o pai se coloca em seu caminho, em relação a sua mãe. Sua identificação com ele assume então um colorido hostil e se identifica com o desejo de substituí-lo também em relação à mãe [...]. (FREUD, 1921, p. 133).

A identificação possui assim, um caráter de ambivalência, pois ao mesmo tempo em que se toma o outro como modelo pelas coisas prazerosas trazendo-as para si, pode-se desejar também o afastamento desse outro.

Analisando, sob a instância da identificação, este conceito com a reação do pai, na obra *O Filho Eterno*, ao receber a notícia da deficiência de seu filho, seria possível pensarmos que: um pai toma seu futuro filho como modelo de perfeição, de conquistas e de todas as realizações que ele, durante sua vida, não conseguiu. E ao perceber, que este modelo é diferente, que não confere com o original, este pai não consegue se identificar com o filho por não ver suas características nele. Essa estranheza é uma reação narcísica àquilo que é diferente, que não é igual e o pai, nega o seu modelo. Assim: existindo um narcisismo, existe uma identificação.

Este conceito de identificação em Freud se assemelha ao narcisismo também nestas instâncias primária e secundária. Da mesma forma, ao mesmo tempo em que acontece o narcisismo primário, ocorre à identificação primária. A formação do eu se dá neste momento, onde o eu se funda e a criança começa a ver o outro, como outro.

A identificação, conforme Freud (1920, p.136), ocorre na relação com o outro, podendo influenciar no processo de escolha objetal ou advir do Complexo de Édipo quando o desejo se mostra. São três as fontes de identificação, a primeira se forma como laço emocional com o objeto, a segunda mostra a ligação com o objeto libidinal e a terceira ocorre com a introjeção do objeto no eu. Lembrando que Freud salienta que, o mais importante é saber que a identificação é a forma mais primitiva do sujeito fazer laço emocional.

Compreende-se assim a ligação do conceito de narcisismo e de identificação quando qualquer problema que atinge um filho fere diretamente os pais num plano narcísico. “Dá-se uma perda brusca de toda referência de identificação. Trata-se de um pânico diante de uma imagem de si que já não se pode nem reconhecer nem amar”. (MANNONI, 1998, p. 2)

No entanto, vale destacar as pontuações feitas por Nasio (1997) a respeito da Identificação em Freud e Lacan. Nasio adverte que na opinião comum o esquema de identificação é bem simples: existe uma pessoa A que se identifica com a pessoa B adotando dela os traços de identificação. Freud e Lacan, cada qual a sua maneira, trazem peculiaridades a respeito do assunto. Segundo Nasio (1997, p. 100) “a identificação concebida pela psicanálise freudiana, é um processo de

transformação efetuado no próprio seio do aparelho psíquico, fora do nosso espaço habitual e imperceptível diretamente por nossos sentidos”.

Enquanto Freud traz o esquema tradicional e o desloca para o inconsciente, Nasio (1997, p. 102) aponta que para Lacan, sem abandonar as ideias freudianas, “o agente da identificação é o objeto, e não mais o eu”. Com isso, Lacan dá nome ao processo psíquico de constituição do eu, visto que, para Lacan é B que produz A. A temática da Identificação é trabalhada por Lacan a partir da teorização do “estádio do espelho” e do Complexo de Édipo.

É no estágio do espelho que a criança percebe a imagem de seu próprio corpo como um todo. Antes, essa imagem era para ela fragmentada a qual Lacan chama de “fantasma do corpo esfacelado” (DOR, 1989, p. 79), e é essa experiência, ainda segundo Dor, do corpo esfacelado, que vai favorecer a “unidade do corpo próprio”. O Eu será estruturado a partir desse momento.

A experiência da criança na fase do espelho ocorre em três momentos. No primeiro a criança está percebendo seu corpo como diferenciado do corpo do outro, ela está tentando se apreender do seu corpo. No segundo, a criança descobre que esse outro do espelho é uma imagem. Começa a distinguir a imagem do outro da realidade do outro. E no terceiro momento a criança se reconhece na imagem do espelho percebendo que a imagem é dela. “A imagem do corpo é, portanto, estruturante para a identidade do sujeito, que através dela realiza assim sua identificação primordial”. (DOR, 1989, p. 80).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Para assegurar a confiabilidade e validade dos resultados de uma pesquisa faz-se necessário o uso de métodos adequados que orientem o processo de forma eficaz garantindo assim, sua realização. O método, segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 83) compreende atividades racionais que “com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”. Assim, para estes autores não existe ciência sem o uso do método científico.

O objetivo deste estudo é Investigar como se revela o narcisismo do pai na obra *O Filho Eterno* de Cristovão Tezza. O primeiro contato com esta obra se deu a partir da peça teatral baseada na mesma onde, a partir deste fato, despertou-se o interesse pela leitura do livro. Há dez edições da obra até o presente momento. No entanto, utilizou-se a primeira edição da série *Best bolso*, publicada pela editora Bestbolso, no ano de 2011. Cabe frisar que a partir da pesquisa preliminar realizada, não se verificou diferença de conteúdo entre essas edições ficando a diferença apenas nos aspectos estéticos e de editoração.

Esta pesquisa se classifica como exploratória com base em seus objetivos e se revela de caráter bibliográfico com base nos procedimentos técnicos utilizados. Segundo Gil, as pesquisas exploratórias visam:

[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. [...] (GIL, 2002, p. 41)

E segundo o mesmo autor, “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2002, p. 44). Assim, essa pesquisa se desenvolve a partir da leitura da obra – fonte principal deste estudo – e, sobre leituras de materiais diversos que abordem o tema do narcisismo. O autor (2002, p. 45) aponta, ainda, para o cuidado que o pesquisador deve ter ao utilizar fontes secundárias não fidedignas, pois estas podem vir a “comprometer em muito a qualidade da pesquisa”.

A pesquisa bibliográfica, não exige nenhum tipo de equipamento especial somente as ferramentas básicas como: folha de papel A4, canetas esferográficas, computador, impressora, acesso à internet, materiais bibliográficos como livros, dicionários, anuários, artigos, jornais, teses e os registros de leitura – que são os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa. Estes registros foram organizados através de recursos digitais e registrados diretamente no computador. Seus passos estão a seguir.

Em um primeiro momento, após a leitura realizada, utilizou-se o registro de leitura I para anotações, livres, das primeiras impressões da obra como um todo. Esta primeira leitura serviu para ratificar o desejo pela pesquisa baseada no livro *O Filho Eterno*. No segundo momento, utilizou-se o registro de leitura II para localizar os sentimentos/reações que mais chamaram a atenção do pesquisador na obra visto que, a mesma é extremamente rica destes conteúdos. Este momento foi decisivo porque despertou a atenção para o narcisismo. No terceiro momento, já definido o narcisismo como foco da pesquisa, utilizou-se o registro de leitura III para destacar falas do pai que indicassem uma condição narcísica. Concomitantemente a estes momentos registrados, um quarto registro foi realizado contendo os nomes substitutos usados pelo pai para se referir ao filho. Destaca-se que, todos os registros continham as referidas páginas do livro e que, o contato de pesquisa com o livro *O Filho Eterno* esteve fortemente presente durante todo o processo.

Dessa forma, esses registros foram utilizados como instrumentos para coletar os dados mais relevantes neste estudo contribuindo assim, para a organização destes dados e, posteriormente, para a análise dos seus resultados.

Assim, a coleta e o registro dos dados nos dois primeiros momentos foram realizados, a partir de uma “leitura flutuante” e, as partes que dessa leitura emergiram, foram descritas nestes registros de leituras. O terceiro momento exigiu que o pesquisador flutuasse menos entre as palavras e usasse mais sua interpretação para posterior análise e continuação do processo interpretativo.

Ao realizar esta primeira leitura da obra, de forma despreziosa, não tendo como objetivo nenhum foco principal a ser destacado, remeteu-se ao artigo em que Freud estabelece as “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” (1912). Nele, o autor descreve algumas recomendações que criou a partir de sua própria experiência para auxiliar no atendimento e na relação entre o analisante e o analista. E a primeira dessas

Consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma “atenção uniformemente suspensa” [...] em face de tudo o que se escuta. Dessa maneira, poupamos de esforço violento nossa atenção, a qual, de qualquer modo, não poderia ser mantida por várias horas diariamente, e evitamos um perigo que é inseparável do exercício da atenção deliberada. (FREUD, 1912, p. 149-150)

A este perigo, Freud se refere à fixação que o analista poderá ter em algumas falas considerando-as como muito importantes e, neste mesmo momento, poderá negligenciar com outros materiais de igual ou maior importância. Freud (1912, p.150), ainda acrescenta que: “[...] ao fazer essa seleção, estará” – o analista – “seguindo suas expectativas ou inclinações”.

Esta atenção voltada para o que se escuta do paciente, Freud chamou de “atenção flutuante” sobre a qual é possível afirmar que:

A atenção já não diz respeito apenas ao sujeito da análise, mas antes e igualmente ao psicanalista. A principal regra da escuta foi, de fato, batizada de “atenção flutuante” [...]. Freud exige do analista uma divisão, ou ainda uma tensão, entre esses dois extremos: a concentração, que tende a prejudicar a natureza e a unidade de seu objeto, e a dispersão, que, se fosse radical, o tornaria inapto para captar ecos, analogias e confrontações. (KAUFMANN, 1996, p.53)

Todas estas recomendações criadas por Freud são destinadas ao analista e buscam criar uma contrapartida à Associação Livre – que é a regra da análise para o paciente. Dessa forma, do mesmo modo que o paciente deve relatar tudo, sem se preocupar em selecionar o que vai dizer, o analista deverá ouvir tudo, sem se preocupar em selecionar. Ao analista cabe segundo Freud (1912, p.150), a função de “[...]simplesmente escutar e não se preocupar se está se lembrando de alguma coisa”. Para melhor formulá-lo: “ele deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente.” (FREUD, 1912, p. 154).

Na pesquisa em questão, o conceito de narcisismo por não vigorar na obra *O Filho Eterno* nestes termos descritos pela psicanálise, exigiu do pesquisador “um esforço” no sentido de capturá-lo quando ele emergisse na fala do pai. Foi necessário, ainda, realizar uma associação com a teoria objetivando fornecer um sentido à interpretação desejada.

Assim, a narrativa do pai na obra foi captada como a de um sujeito que “fala ao analista” através de sua escrita, em um cenário analítico específico, sendo essa escrita tratada como uma “leitura flutuante” – em acordo com as mesmas regras de uma “escuta flutuante”.

Assim, no primeiro momento não se deteve a nenhuma parte específica do livro. Vale destacar que, tanto na “escuta flutuante” realizada pelo analista, quanto na “leitura flutuante”, realizada pelo pesquisador nesse estudo, a postura de não se deter a nenhuma parte específica não é válida durante todo o processo. Em algum momento, “algo” do que foi dito ou do que foi escrito, se destaca de forma mais intensa permitindo que, a partir desse ponto, as interpretações e intervenções necessárias ocorram.

No entanto é sabido que, a condição de flutuação, impede que “tudo” seja absorvido. Apreende-se fragmentos da fala e fragmentos da escrita. Muito se poderá perder e o que determina, quantitativamente, este fato são as condições específicas e individuais de cada profissional.

Para finalizar, segundo a interpretação do pesquisador, as falas retiradas da narrativa que remetiam ao narcisismo do pai foram articuladas com a teoria psicanalítica respondendo ao problema desta pesquisa com base em seus objetivos.

A análise foi realizada a partir do que mais despertou a atenção da pesquisadora. Foi possível constatar que muitas análises poderão, ainda, ser realizadas sobre a obra de Tezza, no entanto, estas foram as selecionadas neste estudo.

“Um filho é como um espelho no qual o pai se vê, e, para o filho, o pai é por sua vez um espelho no qual ele se vê no futuro”. (Soren Kierkegaard).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A obra *O Filho Eterno* foi a “fonte de informação” adotada para identificar o narcisismo do personagem. Os elementos presentes na narrativa do pai realizados na terceira pessoa do singular sustentam os pontos de análise apresentados a seguir e visam atingir aos objetivos geral e específicos deste estudo. A análise é amparada no referencial teórico psicanalítico encontrando em Freud a principal referência.

4.1 O NOME PRÓPRIO

Fica evidente na narrativa a descoberta da síndrome de Down do filho como um marco na forma como o pai se refere a ele. Este marco ocorre no momento de seu nascimento, quando o pai, ainda no hospital, traz elementos importantes do seu narcisismo manifestado na pré-história da criança.

Segundo Kamers e Baratto (2004), a pré-história do bebê corresponde aos fatores determinantes de uma criança, antes que ela própria exista. O período dedicado à escolha do nome envolve os fantasmas dos pais, o folclore e as gerações anteriores a sua família, e todos constroem o discurso em torno do bebê e do sujeito que está por vir. Assim, os cuidados com sua alimentação, saúde, seu corpo, carinho, afeto e também, o próprio nome escolhido, na maioria das vezes, antes mesmo de seu nascimento, introduzem a criança na ordem simbólica humana. E é o nome próprio, segundo Kaufmann (1996) o significante que vai localizar o lugar do sujeito na filiação.

Ainda com referência a Kamers e Baratto (2004), as autoras citam Rodolfo (1990) ao apontar que o nascimento do bebê não coincide com o nascimento do sujeito. No relato de Tezza, antes mesmo que o bebê tivesse nascido o narcisismo do pai se manifestou projetado no filho, pois segundo o pai ele “[...] também estaria nascendo agora, e gostou desta imagem mais ou menos edificante.” (TEZZA, 2011, p. 10).

Cabe, portanto, destacar os dois momentos referentes ao nome próprio na obra *O Filho Eterno*, sendo o primeiro correspondente à denominação do filho, antes de seu nascimento, como Felipe e o segundo, após o nascimento do filho, onde este recebe vários nomes substitutos, atribuídos por seu pai, como um sinal da incapacidade deste de reconhecer este filho real como Felipe.

A atribuição do nome Felipe está permeada de expectativas que transparecem no seguinte discurso: “Que nome daria a ele? Se fosse mulher seria Alice, se fosse homem seria Felipe. Felipe. Um belo nome” (TEZZA, 2011, pg. 20). Segundo estudos onomásticos da língua portuguesa, Felipe carrega o significado de uma pessoa que vence desafios, gosta de cavalos, tem afinidade com esportes e natureza. Todos esses atributos, que significam Felipe, são destacados pelo narrador com clara demonstração da presença deles no imaginário do pai: “Nítido como um cavaleiro recortado contra o horizonte. Um nome com contornos definidos. Uma dignidade simples, autoevidente, [...] mantém-se intacto no horizonte, firme sobre o cavalo, [...] Felipe” (TEZZA, 2011, pg. 20).

O nome escolhido pelo pai remete a um espírito valente/corajoso nele ausente. A pouca coragem do pai, mantinha-o no mesmo discurso repetitivo de ser alguém importante, de fazer sucesso com o que escrevia, desejando, assim, ser “ardentemente reconhecido e admirado pelos outros” (TEZZA, 2011, p. 35). Mas o filho seria diferente. O nome escolhido para ele já assinalava esta diferença.

No entanto “[...] o nome legado falha; falha a função doadora do nome [...]” (HARARI, 2001, p. 98). Felipe era amado antes de nascer, mas após o nascimento o pai admite que “É preciso certo esforço para amá-lo [...]” (TEZZA, 2011, p.102). Mesmo sofrendo variações de pronúncia, Harari (2001, p. 99) assinala que “o nome próprio não se traduz [...]” e ao não se traduzir permanece em um lugar que, deixando de existir, abre-se um furo. “Quando cai o nome próprio, presentifica-se a possibilidade do furo. E, através do furo, se torna possível, ao mesmo tempo, o surgimento do ‘verdadeiro lugar da identificação’ [...]” (HARARI, 2001, p. 78).

O nome próprio não determina uma pessoa. Os pais encontram os mais variados motivos e justificativas para escolher o nome de seus filhos e esse nome escolhido irá significar aquele filho, mas o filho não é aquele nome. Ele é o que o nome o representa.

E o nome, agora exaurido de expectativas, dá lugar a uma narrativa que faz referência a vários outros nomes substitutos, com significados opostos, para se

referir a Felipe revelando a dificuldade do pai em dizer o nome do filho. Para o pai, parecia mesmo indizível. Em Tezza (2011), Felipe passa de valente ao “filho idiota” (p. 125), “filho problema” (p. 133) ou ainda um “menino estranho” (p. 125). Esses, entre outros substitutos, eram o que se conseguia dizer naquele momento.

A história deste recém-nascido parecia não corresponder aos fantasmas do pai iniciadas na sua pré-história. Freud afirma que “é muito frequente permutar entre si palavras de sentido oposto” (1901, p. 65). Assim, pode-se inferir que, quando as palavras escapam, não escapam em vão. Elas desejam comunicar algo – o seu oposto.

A substituição do nome Felipe, renovada durante toda narrativa em *O Filho Eterno*, atribui-se não só pela frustração do pai no que se refere aos significados construídos, mas também pelo olhar do outro, pois, era frequente encontrar no pai uma preocupação com o olhar dos outros sobre o filho. “Você é tão inteligente, e não conseguiu nem fazer um filho direito. E ele ouve uma risada, que ainda faz eco.” (TEZZA, 2011, p. 61). Esses olhares eram fonte de grande incômodo e desconforto para o pai e por isso, o filho era a sua “pequena vergonha” (TEZZA, 2011, p.126).

Segundo Freud (1901), o esquecimento de nomes é motivado pelo recalçamento. No entanto, na obra *O Filho Eterno* é possível afirmar que não se tratava de um esquecimento por recalque do nome do filho por parte do pai. A omissão do nome lhe parece a forma que “logrou o cessar do seu tormento interior”. (HARARI, 2001, p. 55), visto que, este tormento reaparece renovado com frequência. A referência ao filho com estes nomes substitutos ocorreu porque o nome Felipe não se inscreveu no filho que nasceu. Para o pai, este nome está colado ao filho perfeito idealizado e que não nasceu. Durante um longo período de tempo a referência ao filho, em Tezza (2011), confirma a não inscrição deste filho no imaginário do pai: “filho que não existe” (p. 102) ou “filho invisível” (p. 131). O pai teve dificuldades em inscrever Felipe em seu psiquismo.

Freud (1901, p. 36), por observação, quase sempre constata “que o nome retido se relaciona com um tema [...] de grande importância pessoal e que é capaz de evocar [...] afetos intensos e quase sempre penosos”. Felipe, um grande nome, principalmente para um filho primogênito, no entanto, agora está coberto e incompatível com o filho real, recém-nascido, “pela metade” (TEZZA, 2011, p. 64), e por isso, o pai não consegue vê-lo por inteiro. Não transformá-lo em filho foi

manifestado pelo pai por meio de censura consciente ao nome Felipe já que este nome fora atribuído, ainda na fase pré-histórica da criança, para o filho sem síndrome trissômica 21.

Freud vive, no caso Signorelli, uma situação de esquecimento onde o nome esquecido possibilitou associações com o que estava recalcado e traz neste caso situação semelhante ao sentimento do pai na obra, que é a consciência do equívoco que acompanha o recalque. “Ou seja, que a ‘lembrança’ advenha com a clara noção correlativa de sua impropriedade, de sua impertinência.” (Harari, 2001, p. 52). A consciência desta impertinência parece existir e as formas de nomeação citadas – que de tão impróprias não podem ser consideradas apelidos – sugerem o bloqueio em reconhecer o filho como tal, e neste aspecto está a sua incapacidade de a ele se referir propriamente.

O caso Signorelli foi uma menção de Freud no que diz respeito aos Esquecimentos, Lapsos da Fala, Equívocos na Ação, Superstições e Erros. Destaca-se que o autor possuía grande simpatia pelos atos falhos, que, segundo ele (1901), juntamente com os sonhos, traziam rico material a respeito das neuroses e isto o levou a complementar a vida psíquica normal. Sobre estes atos diz: “o modo como um nome às vezes nos escapa e em seu lugar nos ocorre um substituto completamente errado” (FREUD, 1901, p. 15).

Na obra *O Filho Eterno* não aparece o ato falho porque o nome Felipe não fora esquecido ou trocado por outro nome. No *Filho Eterno* não há um nome inscrito no psiquismo do pai. Há apenas o seu narcisismo que, de tão ferido, revela parte de sua agressividade com a forma como nomeia o filho. Não há um nome para ser esquecido, mas sim, uma “criança horrível” (p. 34) ou “uma pequena vergonha” (p. 126) confundindo esse pai.

O pai sempre considerou ser detentor de uma qualidade central de “Dar nome às coisas. [...] porque as coisas não são nada até que digamos o que elas são.” (TEZZA, 2001, p. 111) e ao indagar-se: “Que coisa é o meu filho?” (TEZZA, 2011, p. 111) revela sua incapacidade de se referir a ele como Felipe e lhe atribuir significados na condição de um filho e, concomitantemente, de um sujeito.

E o que é uma coisa sob a ótica da psicanálise? Vanier (2005) diz que, para Lacan, a linguagem, ao mesmo tempo em que possui a função de humanizar ela também possui uma dimensão mortal. “A palavra é a morte da coisa, isto é, é

preciso que a coisa desapareça para que a palavra exista. A partir do momento em que é nomeada, ela não é mais.” (VANIER, 2005, p. 29).

Ao nomear o filho por Felipe este ato mata “a coisa” e, conseqüentemente, os vários outros nomes substitutos. Segundo Lacan, citado por Vanier (2005) este fato consiste “na introdução do sujeito ‘na linguagem de seu desejo’ e da qual se espera que tenha por efeito a suspensão do sintoma – [...]” (VANIER, 2005, p. 29). E isso era justamente o que o pai, ainda, não conseguia fazer.

Interessante notar que os nomes pelos quais chama Felipe, em certo momento da narrativa, dão lugar ao apelido “Pitusco” (TEZZA, 2011, p. 85), condizente com a aproximação entre pai e filho e a definição de papéis assumidos por cada um na família. Pitusco é revelado com carinho pelo pai. O elemento final – usco, segundo a Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, é um sufixo nominal (1997, p. 108). A ideia diminutiva de alguns sufixos denota tonalidade depreciativa, enquanto outros exprimem afetividade. Pitusco aparece na obra em um momento transitório destes dois sentimentos, depreciação e afetividade, que o pai demonstra em relação ao filho: “Pega a criança no colo, depois de uma série de movimentos, e repete a canção idiota que inventou [...] ‘Era um pitusco pequeninho bonitinho safadinho bagunceiro...’ – e o devolve ao chão, de face para baixo”. (TEZZA, 2011, p. 85).

Este olhar, que ousamos chamar de “evolutivo”, para os nomes adotados pelo pai na obra de Tezza para se referir ao filho, indicam acontecimentos importantes a esta análise, como: o aparecimento de um filho com nome próprio, o narcisismo velado e revelado do pai, assim como as frustrações e revelações do pai no confronto com seu filho. Segundo Freud (1901, p. 44), “não só os motivos, mas também o mecanismo que rege o esquecimento de nomes merecem nosso interesse” chamá-lo de “não filho” (TEZZA, 2011, p. 58) é mais do que uma denominação, mas um reflexo de suas fantasias frustradas e, ainda, um reflexo daquilo que não se inscreveu no pai.

A imagem do personagem revela certa presença nas decisões importantes frente ao tratamento e cuidado com o filho, mas, ela não foi suficiente para que ambos, pai e filho, pudessem significá-la totalmente. O filho refere-se ao pai somente pelo seu nome próprio, não o chamando de pai. Tezza (2011, p.155), “a criança jamais chamou ou chamará o pai de pai – apenas pelo nome próprio”. E ele,

o pai, em contrapartida, pelas dificuldades apresentadas de transformar o filho em Felipe, não conseguia chamá-lo de filho e nem mesmo pelo seu nome próprio Felipe – a começar pela frase citada acima.

O quanto o personagem conseguiu ser um pai, obteve como resposta o quanto e como o filho não conseguiu nomeá-lo. O desejo do pai parecia estar mais atrelado ao fato de que o filho pudesse dar continuidade aos seus sonhos e expectativas – contribuindo assim para a manutenção de seu eu ideal – do que torná-lo seu pai, propriamente falando.

Na medida em que o envolvimento entre pai e filho crescia, dois fatos importantes surgiam: a narrativa com menção ao Felipe (como nome próprio) e o reconhecimento da dependência do pai pelo filho (e não o contrário!). O pai, “Só descobriu a dependência que sentia pelo filho no dia em que Felipe desapareceu pela primeira vez.” (TEZZA, 2011, p. 139). Esses marcos caracterizam uma mudança subjetiva no pai, associada a um novo mecanismo do não recalque ao então dolorido nome Felipe. Felipe o nome velado que se revelou passa a ser dizível.

4.2 O VELADO E O REVELADO

No entanto, o que mais foi (re)velado no discurso do pai na obra *O Filho Eterno?* A provocação objetiva refletir sobre a semântica das palavras “velada” e “revelada” nas passagens identificadas na obra de Tezza. Estas passagens aportam significados que conseguem trazer à tona o que era ignorado despertando a atenção para os sentidos opostos e complementares assumidos pelas palavras.

Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1993, p. 480), velado significa “cobrir com véu; esconder; tornar secreto; ocultar” e, revelar significa, entre outras definições: “descobrir; fazer conhecer; divulgar; mostrar; tornar visível à imagem latente de uma chapa fotográfica”.

Para Abbagnano (2008, p. 858), “O conceito de revelação foi adotado como fundamento da filosofia de Heidegger, mas sem o tom religioso do séc. XIX. A revelação do ser, segundo Heidegger, nunca é perfeita e exaustiva porque o ser se esconde ao mesmo tempo em que se revela [...]”. Logo, o que é velado e revelado aparece de forma simultânea em muitas circunstâncias. Por outro lado, o revelado é subsequente ao que foi velado, figurando aquele como efeito deste. Independente

da referência no tempo, ou de uma abordagem como causa e consequência, é conclusivo que os termos são inerentes entre si.

O que estaria velado e de que forma se revelaria na obra *O Filho Eterno*? O filho que ainda não nasceu é ele próprio – o pai – numa demonstração narcísica intensa, na qual o “eu” do pai está muito investido de libido. O pai descreve como o filho será ao nascer, com todas as características de um ser vencedor e guerreiro, embora ele, o pai, se sinta exatamente o oposto disso. “A sensação de inferioridade ainda é pesada; ele a compensa com um orgulho camponês, teimoso, obtuso, às vezes covarde, que reveste habilmente de humor”. (TEZZA, 2011, p. 21).

O filho nasce e deixa no pai “a ausência da satisfação esperada” (FREUD, 1924, p. 217) e o pai, intensamente frustrado, não consegue olhar para o filho e nem tão pouco continuar ouvindo da equipe médica as características da síndrome de Down. Sente vontade de chorar, no entanto, (TEZZA, 2011, p. 27) “não era um choro de comoção que se armava, mas alguma coisa misturada a uma espécie furiosa de ódio”. E, assim, surge a castração como uma “experiência de desapontamentos penosos” (FREUD, 1924, p. 217), fazendo um corte em todos os planos e expectativas deste pai.

Em psicanálise, o conceito de “castração” não corresponde à aceção habitual de mutilação dos órgãos sexuais masculinos, mas designa uma experiência psíquica completa, inconscientemente vivida pela criança por volta dos cinco anos de idade [...] O aspecto essencial dessa experiência consiste no fato de que, pela primeira vez, a criança reconhece, ao preço da angústia, a diferença anatômica entre os sexos. Até ali, ela vivia na ilusão da onipotência [...]. Mas o complexo de castração, [...] não se reduz a um simples momento cronológico. Ao contrário, a experiência inconsciente da castração é incessantemente renovada ao longo de toda a existência [...]. (NASIO, 1997, p. 13).

Assim, a castração aparece e revela o narcisismo do pai, como se descobrisse o véu que havia sobre ele e sobre seu próprio narcisismo e faz operar nele a falta do filho perfeito e suas angústias, revelando-as. A falta faz emergir no pai, além do desejo de conhecer melhor as características da síndrome e participar ativamente do tratamento do filho, o desejo – por meio da literatura – de revelar toda essa história por ele vivida.

Nesse momento, o pai deixa de investir a libido no filho, que seria a sua imagem e perfeição, para caminhar em outra direção, buscando completar sua falta. Isso irá facilitar, anos mais tarde, que ele consiga transformar a criança em um filho.

Não conseguindo investir libido no filho, agora real, escolhe novos objetos para investir: o tratamento, informações e, acima de tudo, a escrita do livro. Ao escrevê-lo, demonstra a retração da libido por efeito da sublimação. “É realmente o narcisismo do artista que condiciona e favorece a atividade criadora de sua pulsão sublimada” (NASIO, 1997, p. 85).

O movimento libidinal é cíclico: libido no eu, libido no objeto, retorno ao eu, e assim prossegue na mesma dinâmica que o velar e o revelar. Acredita-se que o fato que demarca este momento é que a síndrome do filho foi um bom argumento para que ele, o pai, tivesse tirado o seu próprio véu. O véu que encobria seu narcisismo, suas dificuldades, seus furos. Tudo isso estava velado no pai e não a síndrome do filho. Lacan (apud NASIO, 1997, p. 37), aponta que

[...] o agente da castração é a efetuação, em todas as suas variações, dessa lei impessoal, estruturada como uma linguagem e completamente inconsciente. Uma experiência por atravessar, um obstáculo a superar, uma decisão a tomar, um exame a passar etc., todos são desafios da vida cotidiana que reatualizam, sem o conhecimento do sujeito e ao preço de uma perda, a força separadora de um limite simbólico.

Assim, é possível inferir em Lacan que essa castração simbólica age sobre o sujeito e faz romper a ilusão que o ser humano possui de acreditar que está acima de todas as coisas e que pode tudo. A castração é a lei que mostra ao sujeito os seus limites, derrubando assim sua suposta onipotência. Desejar ter filhos saudáveis, inteligentes e perfeitos está no imaginário de todas as pessoas aspirantes a pai ou mãe, no entanto, nem sempre isso é possível.

O elemento “síndrome de Down” foi desencadeador para que a castração acontecesse, interrompendo o narcisismo do pai sobre o filho que ainda iria nascer provocando nele as faltas e deixando um vazio difícil de ser nomeado. “Ele tentava desesperadamente achar alguma palavra naquele vazio; não havia nenhuma” (TEZZA, 2011, p.29).

Somente alguns anos após o nascimento do filho, o pai, utilizando-se da literatura, encontra as palavras através da escrita de um livro, e consegue preencher esta falta revelando, então, a sua história. Nesse sentido, a trajetória do personagem coincide com a trajetória do autor.

Assim, é possível pensar que, por si só, o velado não se revela. Para que o pai revelasse sua história e, conseqüentemente, se revelasse foi necessário o

aparecimento da síndrome de Down em sua vida e, tal qual nos sonhos ou em qualquer outra manifestação do inconsciente, a síndrome foi desencadeadora agindo como uma força para que o reprimido pudesse se revelar – ainda que, muitas vezes, e em curto espaço de tempo, ele volte a ser velado. Os fatores desencadeantes somados a estrutura de cada sujeito atuam como os responsáveis pela revelação, embora nem tudo seja passível de ser revelado.

Se a castração retirou o véu que estava sobre o narcisismo, o narcisismo também pode ser um véu que esconde a castração, que esconde a divisão do sujeito. É possível pensar que o pai não teria se descoberto, pelo menos naquele momento, se não fosse à síndrome do filho. É somente a partir da falta que no sujeito se opera que ele busca fazer algo com esse vazio que se encontra nele. Mais uma vez, o velado e o revelado se complementam.

Segundo Násio (1997, p. 37), “O ato castrador incide, portanto, não exclusivamente sobre a criança, como poderíamos enunciar com Freud [...]”, e observa que em Lacan “esse ato incide mais sobre um vínculo do que sobre uma pessoa”. Reportando essas ideias para a obra analisada, verifica-se que na narrativa de Tezza o ato castrador recai inicialmente sobre o pai, estendendo-se posteriormente ao vínculo do pai com o filho.

Em alguns momentos o pai sente vontade de abandonar a tentativa de se tornar pai de um filho não desejado e se volta totalmente para seus projetos pessoais. Em seguida, retorna para a realidade e percebe que o filho existe de fato e, assim, não há como voltar no tempo.

Há de novo aquele sentimento de vazio que ele quer preencher com algo [...] e que seria uma chave, como alguém que, enfim, abre uma porta difícil [...] agora mergulhado na sensação de não retorno, a memória inútil lhe devolvendo imagens de anos e anos atrás [...] absorve o inevitável, sem resistência: não há retorno. Dá meia-volta, pega outra rua, e outra, mas todas não levam a lugar nenhum. (TEZZA, 2011, p. 67).

Os extremos do narcisismo apontam complicações para o sujeito e para as relações que ele estabelece na vida. Não é ruim ou negativo que um pai seja narcisista. Todos os sujeitos são narcisistas. A questão que se aborda aqui é o quanto este pai investe de libido no projeto de um filho.

Na obra de Tezza, destaca-se também na relação do velado e revelado os nomes da mulher, da filha e do próprio pai, que se mantiveram velados do início

ao fim da narrativa, sendo Felipe, o nome do filho, o único revelado. Acredita-se que o autor oculte o nome do personagem na narrativa porque talvez este pudesse ser o seu próprio nome. Embora a pesquisa não objetive elucidar o cunho ficcional ou não da obra, verifica-se que esse é outro ponto no qual o personagem do livro parece confundir-se com o autor, que viveu história semelhante com seu próprio filho, que também se chama Felipe.

A referência ao pai sem nome percorre toda narrativa na 3ª pessoa do singular. “Às vezes, tem a viva sensação de que é escrito pelo que escreve. Como se suas palavras soubessem mais que ele próprio.” (TEZZA, 2011, p. 86). A passagem revela que a narrativa em terceira pessoa é uma forma de velar sua própria história (do autor e personagem). Velar e revelar. Revelar e velar. Falar em terceira pessoa possibilitou velar a personagem que, até o momento da escrita, mantinha essa história coberta. Esta terceira pessoa, entendida como um discurso impessoal pode ser a voz do inconsciente desprovida de pessoa – uma voz que fala livremente ao modo de uma associação livre.

Relembrando Heidegger, aludido neste trabalho, a revelação por não ser totalmente perfeita, permite ao autor se esconder enquanto se revela. Mais uma vez, verifica-se que os termos velado e revelado não podem ser compreendidos dissociadamente, pois para que algo seja revelado, também o foi em algum momento velado.

Segundo Cegalla (1997), o prefixo “re” possui origem latina e pode indicar tanto para trás, quanto repetição e intensidade. O revelar desfaz o oculto (o velado) ao trazê-lo à tona, e este movimento é passível de repetições de diferentes intensidades. Nesse sentido, apesar de paradoxal, o significado assumido pelas palavras não deixa de ser coerente com o contexto. O pai vivenciou algo que lhe era dolorido e impróprio de ser contado, portanto, estava velado. Ao traduzir em palavras foi capaz de exteriorizar suas memórias e revelar sua história. Simultaneamente descobriu verdades sobre si, até então cobertas, e intensificou o caráter velado do narcisismo identificado no discurso.

O que foi este filho para este pai nos primeiros momentos de sua vida e, talvez, durante alguns anos de convivência? As estranhezas, percebidas e sentidas pelo pai foram, ao longo da obra, sendo reveladas. “A língua parece um pouco mais comprida que a língua dos outros [...], a cabeça é grande demais [...]. Esse pescoço. E esse choro esganiçado – isso é normal?” (TEZZA, 2011, p. 34). Felipe seria um

estranho, para o pai, ainda na forma de andar, de falar, de se comunicar e que “[...] as pessoas nunca sabem o que dizer ou fazer diante daquela coisa esquisita” (TEZZA, 2011, p. 37).

O que de estranho no outro me incomoda, ou desacomoda? O pai, durante a narrativa, revelou traços próprios e significativos de isolamento e de não estar adaptado nessa sociedade. Não seriam esses mesmos traços que ele viu na síndrome do filho e que o desacomodou? Seria um estranhamento do familiar?

Schelling, citado por Freud no artigo intitulado “O Estranho” (1919, p. 301), define estranho “como algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à luz”. Freud (1919, p. 275) afirma que não se pode duvidar da relação que existe entre o tema do estranho com tudo aquilo que provoca medo, horror ou que é assustador. O estranho traz a sensação de ser causado por algo que não é conhecido e que não está em nossas relações.

[...] e somos tentados a concluir que aquilo que é “estranho” é assustador precisamente porque não é conhecido e familiar. Naturalmente, contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho”. (FREUD, 1919, p. 277).

Com efeito, é possível inferir que o acréscimo de uma síndrome ao nascimento de um primeiro filho, experiência nova e ainda não tão familiar, pode representar esse “algo mais” capaz de causar os mais diversos estranhamentos. Mas, pelo fato de Felipe ser seu filho, era também familiar, embora estranho e assustador. Como pode então, o familiar ser estranho e assustador? Nesse sentido, o fantasma era do pai, era um estranho familiar no pai.

O pai comenta que, certa vez, estava com Felipe na rua e uma criança que catava lixo próximo deles, “diante daquele menino estranho” (TEZZA, 2011, p.125), referindo-se ao próprio filho, fugiu correndo de medo quando Felipe chegou perto para cumprimentá-lo. É possível que tal atitude, do menino que “fugiu”, esteja relacionada ao tabu que permeia o desconhecido.

Velar e (re)velar pode nos remeter, ainda, ao conteúdo manifesto e ao pensamento onírico latente dos sonhos. Freud (1915-1916, p.147) descreve como “conteúdo manifesto do sonho aquilo que a pessoa que sonhou realmente nos conta; e o material oculto, que esperamos encontrar acompanhando ideias que lhe

acodem à mente, chamaremos de pensamentos oníricos latente”. O conteúdo manifesto do sonho como parte revelada, se relaciona com o latente – material ainda velado, que poderá se revelar. A ideia latente, oculta, a qualquer momento poderá ser capaz de se tornar consciente.

4.3 TABU

A palavra Down carrega em seu termo um significado de inferioridade e declive que, nesse sentido, coincide com a forma como a sociedade se relaciona com ela. É comum encontrar, no dia-dia, a expressão “ele está down hoje” quando se deseja referir ao estado de desânimo de uma pessoa. Ou ainda: “deixa de ser down” como solicitação para que a pessoa não seja “lenta”, ou “boba”. Até o “high” virou down, na voz de Elis Regina: “Tá cada vez mais down o high society”.

Dito dessa forma, a palavra não causa estranhamentos e nem tão pouco preconceitos. No entanto, seu significado se transforma quando ela se direciona aos sujeitos que nasceram com síndrome de Down. Nesse caso, a palavra como um tabu já não pode mais ser dita para qualquer pessoa. A estas pessoas trissômicas são associados o retardo mental, o mongolismo e as características físicas mais comuns da síndrome. Dessa forma, socialmente, a conotação passa a ser diferente, pois o preconceito “[...] ao esbarrar na cultura e no inconsciente das pessoas, não permite que se considere a diferença como diversidade ao invés de desigualdade, requisito importante para a constituição da sociedade inclusiva”. (SAAD, 2003, p.57).

Encontram-se no significado de “tabu”, termo polinésio de difícil tradução, dois significados opostos. Ao mesmo tempo em que pode expressar, segundo Freud (1913 [1912-13], p. 38), “sagrado”, “consagrado” pode também ser “misterioso”, “perigoso”, “proibido”, “impuro”.

A reação do pai, no momento da revelação da síndrome do filho reflete o conflito entre desejo e proibição, característico do tabu. Por um lado, o desejo e as expectativas associados à espera do filho. Por outro, a castração desse desejo e a frustração com o nascimento de um filho não desejado. “Ele recusava-se a ir adiante à linha do tempo; lutava por permanecer no segundo anterior à revelação, [...] recusava-se mesmo a olhar para a cama, onde todos se concentravam num silêncio bruto, o pasmo de uma maldição inesperada”. (TEZZA, 2011, p. 26).

O inesperado atinge o pai que, impedido de realizar o seu desejo pessoal de ter um filho guerreiro, vê a síndrome durante muitos anos de sua vida, como algo difícil de ser abordado entre amigos, parentes e pessoas desconhecidas e, diante dessas dificuldades, impunha a si próprio uma série de restrições para que a síndrome de Down no filho, não fosse revelada entre este grupo de pessoas. Segundo Freud (1913 – 14), o tabu traz um sentido de inabordável e, conseqüentemente, envolvimento de restrições.

A paternidade e uma criança com características da trissomia do cromossomo 21 são eternos e o pai revela no decorrer do livro a angústia de sentir a perpetuidade da situação ao compará-la a um luto: "Isso é pior do que qualquer outra coisa, ele concluiu - nem a morte teria esse poder de me destruir. Na morte são sete dias de luto, e a vida continua. Agora, não. Isso não terá fim." (TEZZA, 2011, p.26).

Tabus permanentes e temporários são diferenciados por Freud (1913-14). Os primeiros estão relacionados a posições que auferem status ou situações de morte e os temporários relacionam-se às situações efêmeras e estados particulares. A irreversibilidade da síndrome de Down pode ser encarada como um tabu permanente, mas a forma como é encarada pelos sujeitos envolvidos na situação sugere um tabu temporário a partir das possibilidades de superação que é peculiar de cada sujeito. A escrita de um livro sobre o assunto é um exemplo de superação por meio da sublimação.

Os tabus transparecem também na postura da irmã mais nova que "Como o pai nunca fala a ninguém do problema do filho, ela também, ao entrar na escola não comentará jamais com ninguém a esquisitice do irmão [...]." (TEZZA, 2011, p. 140). A conotação de impureza e a carga de um poder perigoso na geração de um filho portador de síndrome de Down sustentam a proibição e a dificuldade de lidar com o tabu. O pai chega a divagar sobre a possibilidade de passear com o filho sem que as pessoas percebam sua síndrome e assim, não teria que dar explicações adicionais.

Portanto, o tabu deixa de ser a síndrome em si, para se referir a narrativa assumida sobre aquilo que não pode ser dito, não pode ser tocado, não pode ser revelado.

4.4 O NARCISISMO

Nesse estudo da obra de Tezza, destacam-se alguns pontos onde o mito de Narciso introduz os laços, os encontros e os desencontros de um pai com seu filho. Em seu imaginário, Narciso diz não precisar de ninguém além de si mesmo assim como, o pai na obra de Tezza, muitas vezes, sonhou não precisar. O espelho revelador de Narciso foi o lago. O espelho revelador do pai foi o filho. O espelho cristalino de Narciso o deixa fascinado por sua própria imagem. O espelho do pai, cheio de ranhuras, o impedia de ver nitidamente a imagem de seu semelhante. Assim, esse espelho revela o narcisismo do pai.

O que se refletia nele não condizia com sua imagem ideal. O pai “sente dificuldade em olhar para o filho, que lhe lembra sempre tudo que não lhe agrada.” (TEZZA, 2011, p. 54).

Segundo Vanier (2005) um dos interesses de Lacan pelo estudo do narcisismo era verificar o fascínio dos sujeitos por sua própria imagem e como eles são capturados por ela. Lacan demonstra grande interesse pelas relações que os sujeitos estabelecem com ele mesmo e com os outros que estão ao seu redor e explora essa questão em sua trajetória. O filho, encontrado na síndrome de Down, funciona como depositário das dificuldades do pai porque este pai não quer abrir mão da suposta perfeição narcísica de sua infância.

Em uma das passagens do livro, Tezza diz:

O mundo não fala. Sou eu que dou a ele a minha palavra; sou eu que digo o que as coisas são. Esse é um poder inigualável – eu posso falsificar tudo e todos, sempre, um Midas Narciso, **fazendo de tudo minha imagem, desejo e semelhança**. Que é mais ou menos o que todos fazem, o tempo todo: falsificar. (TEZZA, 2011, p. 36, grifo nosso).

Cada sujeito que olha para o mundo vê diversas imagens a partir de sua visão e para cada pessoa estas imagens terão um significado, um sentido diferente. Quando o personagem diz que “tudo” será a imagem dele, significa dizer que todos olharão para tudo, e só verão a imagem desta pessoa. O mundo será uma extensão deste sujeito, será ele próprio. E isso é puro narcisismo.

No entanto, essa onipotência do pai, numa dimensão simbólica, é abalada. O seu Ideal do Eu ao deparar-se com essa realidade vê-se obrigado a

encontrar novas saídas para lidar com a castração de não ter conseguido ter o filho perfeito, idealizado.

Ao procurar sua imagem e semelhança no outro, tomando dele traços de identificação, o sujeito o faz através de uma relação imaginária que poderá ser perigosa na medida em que deverá fazer uma escolha entre ele ou o outro. Tal qual se pôde expor no mito em que Narciso se afoga e morre tentando encontrar e tocar em sua própria imagem.

A saída trágica de Narciso, ou talvez, a falta de saída para o seu próprio narcisismo, o fez permanecer no lugar de busca intensa dessa imagem própria e idealizada, sendo mortífero para ele. Os sujeitos que insistirem na manutenção desse eu ideal poderão encontrar, em suas vidas, semelhanças parecidas com esse final trágico do mito de Narciso. Segundo Vanier (2005, p. 22), “[...] a relação que o sujeito mantém com sua imagem no espelho e com seu semelhante – conduz a uma dificuldade própria da dimensão narcísica”. E isso já é próprio da estrutura de cada sujeito.

A dimensão narcísica do personagem de Tezza, apesar de toda angústia e dificuldade própria, foi, de certa forma, positiva, pois ele consegue encontrar saídas para superar e trazer novos significados para o seu narcisismo tão arranhado. Ele esperava encontrar no filho algo que trouxesse sua completude buscando na imagem dele uma satisfação capaz de completá-lo. Ele ainda não sabia que essa completude jamais se confirmaria – não por ter um filho com síndrome de Down, mas pelo simples fato de que nunca será possível encontrar aquela primeira experiência de satisfação total, supostamente, obtida na infância. Mas, a procura por ela é inerente ao sujeito.

O personagem, num processo dolorido encontra-se com o real da vida. “Foi preciso que nascesse o seu filho para que, de um golpe só, percebesse a fissura medonha daquele otimismo cósmico que ele havia tomado de empréstimo de algum lugar [...]”. (TEZZA, 2011, p. 55).

Segundo Vanier (2005), para Lacan essa saída narcísica que tira o sujeito dessa condição imaginária, “é a fala e a linguagem” (VANIÉR 2005, p. 22). No caso da obra de Tezza, é a linguagem do personagem traduzida nas palavras do livro que, coincidindo mais uma vez com o autor, promove uma mudança subjetiva no pai.

Essa experiência vivida pelo pai por meio das palavras reveladas em seu livro permitiu-lhe um novo olhar sobre o filho e, principalmente, sobre ele mesmo. O

narcisismo arranhado faz emergir no sujeito a agressividade. Assim, a palavra agindo como mediadora “permite [...] transcender a relação agressiva fundamental com a miragem do semelhante.” (VANIÉR, 2005, p. 23) tornando-se parte integrante da nova realidade.

O pai na obra agredia o filho com palavras de insulto, e teve muita raiva do mundo e dele mesmo. Para Garcia-Roza (2008, p.76), “[...] narcisismo e agressividade são processos correlatos e contemporâneos na formação do eu [...]”.

Essa relação entre as expectativas e projeções que se estabelece, para Soren Kierkegaard citado na epígrafe do livro *O Filho Eterno*, ocorre de forma que “um filho é como um espelho no qual o pai se vê, e, para o filho, o pai é por sua vez um espelho no qual ele se vê no futuro”.

No caso da obra *O Filho Eterno*, parte da desconstrução dos sonhos do pai – que não estava na síndrome do filho e sim na formação de seu próprio eu ideal e na frustração de não sustentar o ideal do eu – vai se modificando e ganhando novos significados. Ao longo da narrativa o pai consegue nomear muitas das suas dificuldades. Essa movimentação vai se revelando em diferentes passagens no personagem como esta, em que o pai está na sala de espera para mais uma avaliação médica para o filho e pensa: “o que estou fazendo aqui? Sou eu que preciso de avaliação, não a criança”. (TEZZA, 2011, p. 62).

No entanto, há um desencontro entre o ideal do Eu do pai e o filho imaginário nesse percurso que faz com que o pai leve anos para conseguir olhar para o filho real. O filho dos sonhos não foi encontrado pelo fato de ter existido somente no imaginário do pai, mas, acredita-se que outro Felipe tenha nascido para este pai a partir de um novo significante que emerge com o nome próprio e, isso dá outro enredo para essa narrativa. Surge Felipe para o pai, mas para Felipe, até sua fase adulta e até onde se foi possível conhecer, a palavra pai continuou indizível. Talvez para Felipe, isso não tenha nenhum significado.

O pai imperfeito é “a coisa” que ele não queria ver, mas é o que – na falta da perfeição esperada, se revela na imagem do filho. E assim, quem era *O Filho Eterno* no desejo do pai, se não um filho père(feito)¹¹, feito de père (pai na língua francesa). Um père(feito) é no imaginário do pai, um pai perfeito.

¹¹ Este jogo homofônico perfeito/pèrefeito foi proposto por Claudemir Pedroso Flores no texto “Um filho pèrefeito” apresentado na jornada – “Amor, sexo, morte” – comemorativa aos 25 anos da Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica, realizada nos dias 16 e 17 de outubro de 2009, no auditório da Federação do Comércio (Fecomércio) em Florianópolis, SC.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral de investigar como se revela o narcisismo do pai foi parte intrínseca ao processo de desenvolvimento deste estudo, sendo essencial as suas considerações finais. Para que o objetivo geral pudesse ser alcançado dois objetivos específicos foram definidos. O primeiro, de conceituação do narcisismo, foi realizado previamente com base na teoria psicanalítica de Freud e sustentou o objetivo específico seguinte de identificar o narcisismo na obra. Estes dois objetivos específicos possibilitaram a articulação da teoria psicanalítica com o narcisismo velado do pai e revelado ao longo da obra, tornando possível revelar o objetivo geral.

Ao fazer a escolha por analisar a obra *O Filho Eterno* de Cristóvão Tezza não se sabia, até então, qual seria o caminho a seguir ou o que se pretendia com a obra. Era sabido, apenas, que seria o livro de Tezza o objeto de estudo e que a literatura de base seria freudiana. Após a primeira leitura do livro, foi possível perceber o quão rico era o seu conteúdo psicológico e quantas possibilidades ele atraía, principalmente para um acadêmico de psicologia.

Algumas dessas possibilidades surgiram, mas foi a forte reação de rejeição do pai, explícita em sua narrativa, que nos intrigou a ponto de se objetivar entender como e porque um pai se decepciona tanto ao receber um filho do avesso no lugar do filho desejado. Assim, surge a proposta do narcisismo e o problema dessa pesquisa: Como se revela o narcisismo do pai na obra?

Este estudo conclui que o narcisismo do pai é revelado no nascimento do filho a partir da castração, que limita os sonhos do pai de ter um filho perfeito. A castração revela o pai e suas próprias dificuldades a partir deste nascimento. A síndrome foi apenas um sintoma que surgiu para que isso acontecesse. A castração revela o narcisismo do pai que, por meio da linguagem, escreve um livro e se lança para a vida de forma criativa traçando um novo e interessante percurso.

Mas, pode-se pensar também que o narcisismo esteve, até o nascimento do filho, velando os furos do pai, pois até então ele não conseguia, ser autor de seus próprios textos, ser independente financeiramente de sua mulher e tinha muita dificuldade em se manter no presente. Nesse sentido, a castração esteve coberta, durante anos, pelo narcisismo do pai.

A narrativa em 1ª pessoa esteve velada durante toda narrativa do personagem. Parecia ser difícil, para o personagem, falar em seu próprio nome. Muitas vezes, ele se utilizava de um humor inadequado para falar sobre algo que o incomodava muito. Assim, a narrativa ocorre na 3ª pessoa do singular e facilita, não somente a linguagem escrita, como também a morte dos fantasmas do pai. O personagem não teve medo de usar as palavras e, segundo Raffaelli (2007, p.126), “[...] o dizer pode abrir para novos sentidos, abrir para o enigma do sujeito e retirá-lo do refúgio narcísico [...]”. Parece que o pai, no final dessa história, ficou bem e isso permite pensar o conceito de narcisismo fora do campo das patologias.

O nome Felipe é revelado antes do nascimento do filho, velado após o nascimento quando falha a sua função e novamente é revelado quando se inscreve no pai, o filho. Nesse momento, o nome adere ao filho. Na evolução da relação do pai com o filho revela-se um apelido, Pitusco, que marca um momento de afeto surgindo no pai e destinado ao filho.

O pai (2011), na maternidade, antes do filho nascer, diz que ele também estaria nascendo naquele momento junto com o filho. No entanto o filho idealizado não nasceu para o pai, então, como o nascimento de um estava condicionado ao nascimento do outro pelo próprio pai, pode-se concluir que o pai também não nasce. Permanecendo como filho, poder-se-ia pensar no pai como *O Filho Eterno*.

No decorrer de toda narrativa essa foi uma das perguntas que surgiram, afinal: Quem é o filho eterno? Uma primeira hipótese, apontada aqui¹², inferiu que o pai teria passado da condição de filho eterno para a condição de pai, quando passou a encontrar no filho um sujeito.

A seguir, outra hipótese: *O Filho Eterno* seria o filho perfeito desejado pelo pai que, em seu projeto narcísico, este filho seria a sua imagem e perfeição, ou seja, seria perfeito como o pai ou, mais perfeito ainda que ele. Assim, o pai seria o próprio filho também já que este seria sua continuidade, seria ele mesmo. Nesse caso, o pai também seria *O Filho Eterno*. O filho perfeito.

Porem, é possível expandir e, talvez, simplificar essas hipóteses. O filho pode ser de fato o filho. E o eterno, o imortal, pode ser algo pertencente à relação de pai e filho. Quando se tem um filho, mesmo que não se conviva com ele, mesmo que haja problemas na relação, sendo ele saudável ou não, um filho será sempre um

¹² Apresentada no item 2.1 “A história do filho eterno” deste estudo.

filho, o que nesse sentido o significa com um “para sempre”, eterno. O pai, na obra, passa por diferentes ciclos: aceitação do filho, não aceitação, aceitação bem gradual e aceitação. Apesar de todos os momentos de transformação pelo qual o pai passou, o filho estava ali. Ele nunca deixou de existir independentemente do tipo de relação que estabelecia com o pai. Assim, o filho eterno pode ser apenas o filho do pai na obra, um filho que é para toda a vida.

Durante a realização deste trabalho, foi possível perceber que dentro da teoria freudiana existem inúmeros artigos que podem ser facilmente relacionados à obra de Tezza, Dessa forma, atendendo ao objetivo deste trabalho, de utilizar as obras de Freud como literatura principal, não foram encontradas dificuldades para tal.

Considera-se observar que o projeto narcísico pode estar presente, não apenas na espera por um filho. Ele faz parte dos projetos de vida que envolve os sonhos e expectativas que o sujeito cria, elabora e cultiva em diversas esferas de sua vida. E assim, como também acontece no encontro real com o filho que nasce diferente dos sonhos dos pais, estas expectativas, estes sonhos também podem, em algum momento, desmontar-se derrubando todo o ideal que havia se construído. Encontrar as saídas na vida, do ponto de vista psíquico, favorece a não fixação de libido e a sua circulação.

Na obra de Tezza, temas como: a vergonha, que impede que o pai circule com o filho em locais públicos; o desejo, marcado, por exemplo, pelo desejo de morte do filho; a inibição, que relacionada à vergonha evita que a imagem narcísica seja arranhada; o inconsciente, que pode revelar a escrita do eu e o olhar do outro; a castração, como aquela que corta o gozo do sujeito deixando em seu lugar um vazio e as patologias do narcisismo são algumas sugestões de temas que ainda podem ser facilmente explorados não somente na obra *O Filho Eterno*, mas também em outros livros de Cristovão Tezza. *O Filho Eterno* é ainda um romance de amor. Eis outra sugestão para novos estudos.

Sugere-se que o curso de psicologia possa se utilizar de análises literárias ao longo de toda graduação aproximando-as da psicanálise, por possibilitar grandes reflexões. Acredita-se que este fato possa contribuir nas articulações entre teoria e casos clínicos vivenciados pelos alunos na clínica - escola da instituição universitária, assim como, em estudos de casos propostos.

Aos formandos que pretendem atuar na clínica psicanalítica, recorda-se uma aula em que a psicanalista e professora Jacqueline Virmond destaca que o estudo do narcisismo é de extrema importância, porque os sujeitos, geralmente quando adoecem, procuram a análise justamente diante das frustrações, do não saber lidar com as diferenças e com as perdas. E Jacqueline, referindo-se a obras literárias autobiográficas, acrescenta que falar já é correr um grande risco, ao escrever este se multiplica.

Assim, considera-se que Cristovão Tezza foi corajoso por ter revelado esse bom roteiro para assinar em seu nome próprio.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERNARDINO, Leda. Bases psicanalíticas para uma escuta de bebês e de seus pais, a partir do seminário sobre “A Carta Roubada”. **Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba. Psicanálise e Clínica de Bebês**, Curitiba, ano 4, n. 4, 2000.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis**. 20. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 40. ed., melh. e ampl. São Paulo: Nacional, 1997.

COTTRELL, Ian Andrew. **A temática do narcisismo e a saúde mental do sujeito**. 2008. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2008. Disponível em: <<http://aplicações.unisul.br/pergamum/pdf/Yan.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2011.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Lacan e a clínica da interpretação**. São Paulo: Hackett: 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1915-1916). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 15.

_____. Escritores criativos e devaneios (1907). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 9.

_____. Identificação (1920-1922). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18.

_____. Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 11.

_____. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.

_____. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 12.

_____. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: _____. **Obras completas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 6.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.

_____. Teoria da libido (1901-1905). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 7.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução a metapsicologia Freudiana**. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008. v.3.

HARARI, Roberto. **O que acontece no ato analítico**: a experiência da psicanálise. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2001.

KAMERS, Michelle; BARATTO, Geselda. O discurso parental e sua relação com a inscrição da criança no universo simbólico dos pais. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 24, n. 3, set. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932004000300006&script=sci_arttext>. Acesso em: 28 mar. 2012.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986. v. 1.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MANNONI, Maud. **A criança retardada e a mãe**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MARTINS, Ana F. Uma discussão teórica acerca da autoficção: a ficcionalização de si em O filho eterno, de Cristovão Tezza. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p.181-195, jun. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7984>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

MARTINS, Karla Patricia Holanda. Freud e a literatura: destinos de uma travessia. **Revista Mal -estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 675-681, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27117252014>>. Acesso em: 26 out. 2011.

NASIO, Juan-David. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

RAFFAELLI, Rafael. Nota sobre a metapsicologia freudiana. **Interthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, Florianópolis, v. 4, n. 1, jan./jun. 2007.

SAAD, Suad Nader. Preparando o caminho da inclusão: dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação. Especial**, Marília, v. 9, n. 1, jan./jun. 2003. Disponível em: < <http://educar.fcc.org.br/pdf/rbee/v09n01/v09n01a07.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2012.

SAVIOLI, Elisabete; SCHISLER, Millard W. L. **Revelação em preto-e-branco: a imagem com qualidade**. São Paulo: SENAC São Paulo, 1995.

TEZZA, Cristóvão. **O filho eterno**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011.

TEZZA, Cristóvão. **Obras**. Disponível em: <http://www.cristovaotezza.com.br/p_obras.htm>. Acesso em: 02 set. 2011.

VANIER, Alain. **Lacan**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.